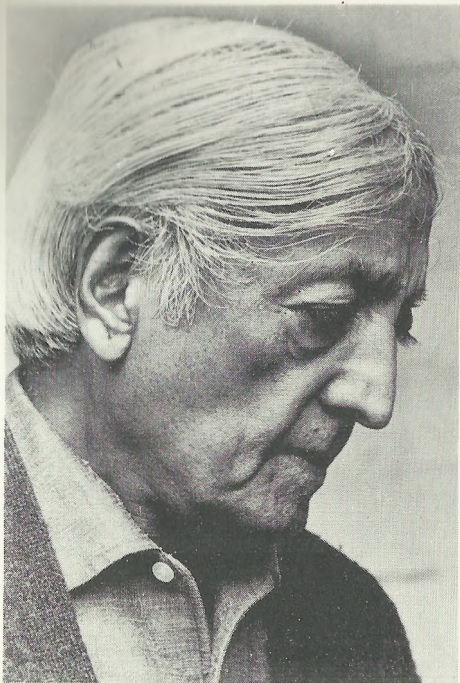
A TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM

J. KRISHNAMURTI

ANTOLOGIA

«... Falamos da vida — e não de ideias, de teorias, de práticas ou de técnicas. Falamos para que olhe esta vida total, que é também a sua vida, para que lhe dê atenção. Isso significa que não pode desperdiçá-la. Tem pouquíssimo tempo para viver, talvez dez, talvez cinquenta anos. Não perca esse tempo. Olhe a sua vida, dê tudo para a compreender.»

J. Krishnamurti

J. KRISHNAMURTI nasceu na Índia, em 1895. Há mais de cinquenta anos que viaja pelo mundo e milhares de pessoas o têm escutado e dialogado com ele, investigando os problemas humanos.

Filósofo e educador, a sua obra, apesar de difundida por todo o mundo, não é ainda suficientemente conhecida entre nós.

Embora haja dos seus livros traduções em português (tal como em espanhol, francês, italiano, holandês, alemão, finlandês), só no Brasil foram ainda editadas, obras suas. Assim esses textos são escassos aqui, lacuna que pretendemos minorar, dado o grande interesse deste pensador universal.

CONTACTOS PARA INFORMAÇÃO

Centro de Documentação Krishnamurti

Évora: 266 700564; 266 707902

Lisboa: 21 3857954

Internet: www.kfoundation.org/portugal

Krishnamurti Foundation

Brockwood Park, Bramdean

Hants SO24 0LQ – Inglaterra

Agradecemos à Instituição Cultural Krishnamurti do Brasil a autorização que nos concedeu para a publicação nesta Antologia, de textos colhidos em obras por ela editados no Brasil (Ed. ICK e Ed. Cultrix).

Núcleo Cultural Krishnamurti
Av. Leonor Fernandes, 36 7000 Évora

«Podemos ir longe, se começarmos de muito perto. Em geral começamos pelo mais distante, «o supremo princípio», «o maior ideal», e ficamos perdidos em algum sonho vago do pensamento imaginativo.

Mas quando partimos de muito perto, do mais perto, que é *nós*, então o mundo inteiro está aberto — pois *nós somos o mundo.*

Temos de começar pelo que é real, pelo que está a acontecer agora, e o *agora* é sem tempo».

Krishnamurti

A ACÇÃO DA INTELIGÊNCIA

Era de manhã cedo e o vale estava silencioso. O sol não aparecera ainda por detrás dos montes e a brancura da neve nos altos cumes continuava mergulhada no escuro. Tínhamos tido muitos dias de sol descoberto, intensamente quente. Não seria por muito tempo, mas nessa manhã o céu era outra vez azul e o sol começava já a tocar os cumes nevados, mas havia muitas nuvens escuras do lado do poente. O ar era limpo e àquela altitude as montanhas pareciam muito próximas. Mantinham-se alheadas e sós e havia uma estranha sensação de intimidade e ao mesmo tempo o sentimento de uma vasta distância. Quando as olhávamos apercebíamo-nos da idade da terra e da nossa própria impermanência. Nós passamos e elas, as montanhas, ficam, assim como os pequenos montes, os campos verdes e o rio. Estariam sempre ali. E nós, com as nossas ansiedades, limitações e sofrimentos desapareceríamos inevitavelmente.

É esta impermanência que sempre tem feito o homem buscar algo para lá dos montes, dotando-o daquela permanência, divindade, e beleza, que ele, homem, não possui. Mas isso não dá resposta às suas aflições, nada disso lhe torna menores os sofrimentos, nem o mal que ele próprio cria. Pelo contrário, dá nova vida à sua violência e crueldades: os seus deuses, as utopias, o culto do Estado não lhe têm posto fim ao sofrimento.

Do alto de um pinheiro, a pêga tinha avistado o pequeno rato que corria, a atravessar a estrada e, num segundo, apanhou-o e arrebatou-o. Só se ouvia o som dos chocalhos distantes e do ribeiro que se precipitava para o vale; mas, pouco a pouco, a serenidade da manhã foi-se perdendo no barulho dos camiões, e do martelar que vinha do outro lado da estrada, onde uma nova casa começava a erguer-se.

Haverá realmente individualidade? Ou apenas uma «massa colectiva» de diversas formas de condicionamento?

O «indivíduo» como lhe chamamos, *é* o mundo, a cultura, o ambiente económico e social. *Ele é o mundo e o mundo é*

ele: e todos os males e misérias começam quando ele se separa do mundo e se isola numa qualquer capacidade que tem, ou nas suas ambições, tendências e prazeres particulares. Não parecemos compreender profundamente que *nós somos o mundo*, não apenas ao nível imediato, visível, mas também ao nível mais profundo e íntimo do nosso ser. Ao cultivarmos um talento particular parecemos julgar que nos estamos a expressar como «indivíduos» e, resistindo a todas as formas de interferência, insistimos nisso. Mas não é o talento, o prazer ou a vontade que fazem de nós indivíduos criadores. A vontade, qualquer limitado talento que tenhamos e a procura do prazer, fazem parte de toda esta estrutura do mundo. Não só estamos escravizados à cultura em que fomos criados, como também somos escravos da enorme nuvem de miséria e sofrimento de toda a humanidade e escravos da sua imensa confusão, violência e desumanidade.

Parecemos nunca dar atenção ao crescente sofrimento do homem. Nem nos apercebemos da terrível violência que tem sido acumulada de geração em geração. Estamos interessados, e com razão, nas mudanças exteriores ou na reforma da estrutura social, com toda a sua injustiça, as suas guerras, a sua miséria. Mas tentamos mudá-la ou pela violência ou por um lento processo legal. E entretanto, a extrema pobreza, a guerra, a fome e o mal que os homens se fazem uns aos outros continuam. Parecemos esquecer completamente o que tem maior significado — esquecemo-nos de dar atenção a estas enormes núvens acumuladas, que o ser humano vem tornando maiores há séculos — o sofrimento, a violência, o ódio e as diferenças completamente artificiais de raça e de religião. Estas núvens *existem* tal como a estrutura exterior da sociedade existe, tão reais, tão vivas e poderosas como ela. Esquecemos estas acumulações que estão ocultas e concentramo-nos apenas na reforma exterior. Esta divisão é talvez a maior causa da nossa decadência.

O importante é considerar a vida, não como «interior» e «exterior» mas como *um todo* como um movimento total, não dividido. A acção adquire, então, um sentido inteiramente di-

ferente, porque deixa de ser apenas parcial. É a acção parcial ou fragmentária que faz crescer a nuvem de todas as misérias. O bem não é o oposto do mal; não tem qualquer relação com o mal. Não se pode correr atrás do bem para o alcançar. Ele só pode florescer quando o sofrimento não nos atormenta.

Como é que o ser humano conseguirá libertar-se de toda esta confusão, da violência e do sofrimento? Não é certamente pela acção da vontade, com todos os seus factores de determinação, resistência e luta. A percepção ou compreensão de tudo isto *é* inteligência. É esta inteligência que nos liberta de todas as ramificações do sofrimento, da violência e do conflito. É como ver um perigo: há, então, *acção instantânea*. Mas não se trata da acção da vontade, que é produto do pensamento. Pensamento *não é* inteligência. A inteligência tem capacidade para usar o pensamento, mas quando este tenta aprisionar a inteligência para seu próprio uso, então torna-se astucioso, maléfico, destruidor.

A inteligência não é vossa nem minha. Nem pertence aos políticos, aos instrutores ou aos «salvadores». Essa inteligência não pode ser aprisionada na comparação e na medida. Ela é, realmente, um estado que está *além* de todas as coisas forjadas pelo pensamento.

(*in* Bulletin 11, Krishnamurti Foundation, Londres)

VIOLÊNCIA E SOFRIMENTO

Existem realmente dois problemas fundamentais: a violência e o sofrimento. Se não os resolvermos, se não os superarmos, todos os nossos esforços, as nossas constantes batalhas, pouco significarão. Parecemos passar a maior parte da vida no campo das ideologias, das fórmulas, dos conceitos, e por esse meio tentamos resolver estes dois problemas essenciais — a violência e o sofrimento.

Toda a forma de conflito é violência — não só o conflito psicológico, interior, mas também o conflito exterior, nas nossas relações como os outros seres humanos, com a socieda-

de. O sofrimento parece-me constituir um dos mais complexos e difíceis problemas; e essa complexidade, justamente, requer que o encaremos de uma maneira bem simples. Todo o problema complexo, principalmente um problema humano — e temos tantos! — deve, por certo, ser considerado com muita clareza e simplicidade, sem nenhum *fundo* ideológico. De outro modo, traduzimos o que vemos em conformidade com o nosso condicionamento e com as nossas tendências e intenções.

Para compreendermos estes dois problemas — a violência e o sofrimento — tão profundamente arreigados no nosso ser, não devemos examiná-los de maneira puramente verbal ou intelectual. O intelecto não resolve problema nenhum. Poderá explanar problemas — e qualquer pessoa inteligente é capaz disso — mas a explicação, por mais erudita, por mais subtil que seja, não é a realidade. De nada serve explicar a um homem cheio de fome os excelentes alimentos que existem; isso para ele não vale nada. Mas, se apreciarmos estas questões não intelectualmente, mas real e totalmente, se nelas nos empenharmos a fundo e desenredarmos estes dois terríveis problemas que *destroem* a mente, talvez então possamos superá-los.

Nós, seres humanos, aceitamos a violência e o sofrimento como uma maneira de viver e, já que os aceitamos, tentamos fazer com eles o melhor que podemos. Prestamos culto ao sofrimento, idealizamo-lo e com ele vamos vivendo — como se faz no mundo cristão. No mundo oriental traduzem-no de outras maneiras, mas também sem encontrar-lhe a solução. Como tenho dito, herdámos essa violência do animal: a nossa agressividade, o nosso espírito de domínio, o desejo de poder, a ânsia de preenchimento. A nossa estrutura cerebral, herdada do animal, é também produto da evolução e não só tem a função de auto-proteger-se, como é também agressiva, violenta, dominadora, pensando em termos de posição, de prestígio; todos sabemos isso.

O sofrimento, a autocompaixão, que faz parte desse sofrimento, a solidão, a total inexpressividade da existência, o

tédio, a rotina, despojam a vida de todo o sentido e, por isso, inventamos-lhe uma finalidade; os intelectuais criam uma finalidade ideológica, de acordo com a qual procuramos viver. E, não sendo capazes de resolver esses problemas, voltamo-nos para o passado; para a nossa juventude ou para a cultura tradicional, conforme a raça, o país, etc. Quanto mais urgente se torna o problema, tanto mais nós fugimos para alguma explicação ideológica vinda do passado ou relativa ao futuro; e ficamos aprisionados nessa armadilha. Tanto no Oriente como no Ocidente, se observa a fuga para toda a espécie de entretenimento, — o futebol, o cinema, a igreja, etc. A necessidade de distracção, de entretenimento assume todas as formas possíveis: visitar museus, conversar interminavelmente sobre música, sobre os últimos livros publicados, ou escrever acerca de alguma coisa passada e morta, sem valor nenhum.

Ao que parece, há pouca gente verdadeiramente séria. Pela palavra «sério» entendo a capacidade de examinar um problema até ao fim, e resolvê-lo. Resolvê-lo, não de acordo com as inclinações pessoais ou o temperamento de cada um, ou segundo a pressão do ambiente, mas deixando tudo isso de parte e investigando até ao fim a verdade relativa a uma dada questão. Essa seriedade parece bastante rara. Para que possam ser resolvidos estes dois problemas básicos — a violência e o sofrimento — temos de ter essa seriedade e ainda uma certa capacidade de percebimento, de atenção, porquanto ninguém pode resolvê-los por nós. Evidentemente, nem as velhas religiões, nem organizações bem planeadas e aperfeiçoadas por uma determinada autoridade ou sacerdote — nada nem ninguém desta categoria pode ajudar-nos; são coisas obviamente sem significação. Pode observar-se em todo o mundo que a chamada nova geração está atirando aos ventos todas essas coisas sem sentido — igrejas, deuses, crenças, dogmas, rituais. Para o homem sensato essas autoridades perderam toda a importância. É claro que não tem sentido dependermos de qualquer espécie de autoridade quando o mundo se acha em tal estado de confusão e de sofrimento; principalmente da autoridade organizada num plano religioso, com as respectivas sanções.

Não se pode confiar em ninguém, nem em Salvadores, nem em Mestres — em nenhuma pessoa, incluindo este que vos fala. E, depois de termos posto de lado totalmente todos os livros, filosofias, santos, anarquistas, vemo-nos frente a frente connosco mesmos, *tais como somos*. Não há filosofia, literatura, dogmas, rituais, capazes de pôr fim à violência e ao sofrimento. Precisamos reconhecer isso, antes de passarmos adiante. Quanto mais sério o indivíduo é, e quanto mais urgente é o problema, essa própria urgência recusa a autoridade que tão facilmente aceitamos.

Outro problema é: como examinar, como observar a violência e o sofrimento, tais como em nós existem? Como dissemos, os seres humanos, individualmente, são produto da sociedade, da cultura em que vivem, e essa sociedade e cultura foram construídas por cada um de nós. A sociedade é produto dos seres humanos, e nós *fazemos parte* desse produto; eis a nossa situação. Estamos aprisionados na armadilha das nossas inclinações, tendências e prazeres pessoais, e tudo isso constitui a estrutura social. Tendemos a considerar o indivíduo e a sociedade como duas coisas diferentes e, portanto, pergunta-se: Que valor tem o homem que se transforma, em relação à estrutura total da sociedade? Tal pergunta parece-me absurda.

Não estamos considerando um dado indivíduo ou uma dada sociedade — francesa, inglesa, ou outra — mas o problema *humano* geral. Não estamos considerando o indivíduo em relação com a sociedade, nem a relação da sociedade, do «colectivo», com o indivíduo; estamos a tratar da *totalidade* do problema e não de uma questão particular.

Só podemos compreender uma coisa quando a vemos integralmente, quando lhe vemos toda a estrutura e a respectiva significação. Não podemos perceber a *estrutura total* da vida, o seu movimento completo, se apenas nos preocuparmos com uma parte dela. Só quando vemos o mapa inteiro, podemos saber onde estamos e escolher o caminho certo. Deste modo, não estamos interessados na salvação ou libertação individual (ou outra coisa que o indivíduo esteja procurando)

mas interessa-nos sim *o movimento global da vida,* a compreensão da corrente total da existência; então talvez possamos encarar de maneira completamente diferente os problemas individuais. É extremamente difícil ver e compreender a totalidade; isso precisa de *atenção.* Nada se pode compreender intelectualmente; poderemos ouvir palavras, dar explicações, descobrir causas, mas isso não é *compreensão.* Na observação de nós mesmos, a compreensão só pode verificar-se quando a mente, que inclui o cérebro, está inteiramente atenta. E uma pessoa não está atenta quando interpreta e traduz conforme o seu próprio *fundo (background).*

Devem ter notado que quando a mente está totalmente quieta — sem exigir nada, sem fazer «barulho», sem fragmentar o problema — quando diante do problema está perfeitamente tranquila, há, então, *compreensão.* Essa compreensão *actua,* é a força ou energia que nos liberta do problema.

Estamos, pois, empregando a palavra «compreensão» nesse sentido e *não* no sentido de compreensão intelectual ou emocional. Ela é propriamente uma negação do «positivo», pois «positivo» é o «compreender» um problema com um motivo: o propósito de «fazer alguma coisa» em relação a ele. Em geral quando temos um problema, tendemos a preocupar-nos com ele, a fragmentá-lo, a analisá-lo, a achar uma fórmula para o resolver. E o pensamento, como se pode observar, é sempre reacção do «velho»; portanto, nunca é novo e o problema, entretanto, é sempre *novo.* Traduzimos o novo, o problema, em termos de pensamento, mas o pensamento é velho e, portanto, «positivo», no sentido de «fazer alguma coisa» em relação ao problema.

O pensamento é a reacção do passado; é memória, experiência, conhecimento acumulado; é velho e os desafios são sempre novos — se são *desafios.* Desse fundo de conhecimento, experiência, memória, procede a reacção, na forma de pensamento; o pensamento é sempre do passado e traduz o desafio ou o problema nesses termos. E o pensamento, como se pode observar, produz, em relação ao problema, uma reacção «positiva», ditada pelo passado.

Vemos, pois, que o pensamento não representa a solu-

ção; mas isso não significa que nos devemos tornar «nebulosos», vagos, distraídos ou mais neuróticos do que já somos. Pelo contrário, quanto mais atenção prestamos — *atenção completa* — a uma coisa, qualquer que ela seja, vemos que *nessa atenção não há pensamento algum,* não há pensar; não há nenhum «centro» a funcionar como pensamento. A compreensão (ou observação, que é a mesma coisa) acontece sem a reacção do «fundo» de pensamento. *Compreensão é acção imediata.*

Está mais ou menos claro isso, ou parece abstracto demais? (Espero que não estejam a interpretar o que se está dizendo como alguma insensatez mística e oriental...!). Vejamos: se quero compreender uma criança, tenho de observá-la, de dar-lhe *atenção.* Observá-la quando brinca, quando chora, quando se comporta «mal», quando faz qualquer coisa; observá-la, simplesmente, *sem* a corrigir. Preciso de a *compreender;* portanto, não tenho preconceitos, não tenho padrões de pensamento relativos ao que é «bom» e ao que é «mau». *Observo-a, somente;* e, nessa atenção vigilante, começo a compreender a natureza da sua actividade. É relativamente fácil observar, dessa maneira, a natureza, uma flor, por exemplo; a natureza não exige muito de nós. Observar uma coisa objectiva é bastante fácil. Mas observar o que se passa *interiormente* em nós, observar a nossa violência, o nosso sofrimento, com clara atenção, já não é tão fácil. Tal observação, tal atenção, exclui totalmente qualquer espécie de inclinação ou tendência pessoal ou de compulsão por parte da sociedade; é como observar o movimento de um rio. Quem se senta na margem de um rio pode observar-lhe o fluir e tudo ver. Mas a pessoa sentada na margem, e o movimento do rio são dois entes diferentes; ela constitui o «observador» e o movimento do rio é a coisa «observada». Já quando está dentro de água — e não sentada na margem — participa desse movimento e não há nenhum «observador». Do mesmo modo, observemos a violência e o sofrimento, não como observadores a «observar» uma coisa, mas *sem espaço* entre o observador e o observado. Isto faz parte da investigação total, da meditação sobre a vida.

Como já dissemos, nós os seres humanos somos violen-

tos, e essa violência, herdada do animal, nunca a investigamos realmente porque temos o conceito da «não violência»; interessa-nos o conceito e a ideologia da «não violência» — o que «deveria ser», e não o *facto,* o que realmente *é.*

Permitam-me sugerir-lhes que não se limitem a ouvir palavras; palavras são palavras e pouco significam. Semanticamente, podemos penetrar-lhes o significado, mas a palavra *não é* a coisa, a explicação não é o *facto — o que é.* Qualquer um está sujeito a cair na armadilha verbal, e ficar escutando, infinitamente, só palavras. Palavras são cinzas, não têm sentido profundo. Mas se ouvirem para além das palavras, *se se observarem como realmente são* — não agora, porque estão a ouvir uma palestra, porém «lá fora»; se se observarem, *não* egocentricamente, *não* introspectiva ou analiticamente, mas apenas observando o que efectivamente acontece, descobrirão então, pessoalmente, não só a violência superficial (a cólera, o desejo de posição, etc.) mas também a violência profundamente enraizada. Com essa descoberta, o «conceito» da não violência perde toda a validade; válido é o *facto* — a violência.

Observe-se o facto da violência no Oriente: na Índia sempre se falou, se prègou, se «praticou» a não violência, mas, no momento em que se apresenta qualquer desafio, a não violência desaparece e todos se tornam violentos. Aqui, igualmente, se fala sem cessar de paz; em todas as igrejas se fala de amor, de bondade, de amar o próximo; entretanto, tivemos as guerras mais terríveis — quinze mil guerras, ao todo, nos últimos cinco mil anos! E temos de observar como está profundamente arraigada em nós essa violência — na nossa exigência de preenchimento, na competição e na constante comparação com outrem, no imitar, no obedecer, no seguir alguém, no ajustar-nos a um padrão; tudo isto são formas de violência. A libertação dessa violência exige muita atenção e empenhamento; se não ficamos livres dela, não vejo como possa haver paz no mundo. Poderá haver uma suposta paz entre duas guerras, entre dois conflitos; no entanto, essa paz não é *a paz real, íntima, profunda,* não contaminada por qualquer ideologia ou qualquer pensamento, não organizada por qualquer fi-

losofia limitada e sem significação. Se não temos essa paz, como podemos ter amor, empenhamento, afeição? Ou, se não há essa paz, como se pode criar alguma coisa? Podemos pintar quadros, compor poemas, escrever livros sobre o passado, etc., mas tudo levará ao conflito, à escuridão. Para conquistarmos a liberdade, ficarmos livre da violência — *totalmente* e não apenas parcialmente, fragmentariamente — temos de aprofundar este problema.

Temos de compreender a natureza do prazer; a violência e o prazer estão intimamente relacionados. Pois, de novo, se nos observamos, vemos que toda a nossa psicologia se baseia no prazer (pondo de parte o que dizem os psicólogos e os analistas;não é necessário ler um monte de livros para se perceber isso) — tanto nos prazeres sensoriais, sexo, etc., como no prazer de realizar alguma coisa, no prazer de alcançar sucesso, de preencher-se, de conquistar posição, prestígio, poder. Mais uma vez, tudo isso se encontra no animal (numa quinta onde se criam aves pode-se observar esse mesmo fenómeno). Há prazer tanto no divertir-se como no insultar. Buscar o prazer, a posição, o prestígio, a fama, é uma forma de violência, pois tem de ser-se agressivo. Neste mundo, se uma pessoa não é agressiva, é espezinhada pelos outros, empurrada para o lado. Assim, importa perguntar: «Posso viver sem agressividade e ao mesmo tempo viver no meio social?» É provável que não;. mas, porque viver *na* sociedade, isto é, na estrutura *psicológica* da sociedade? Tem de se viver na estrutura externa da sociedade — ter uma actividade, vestir-se, ter casa, etc., mas porque viver na estrutura *psicológica* da sociedade? Porque aceitar a norma da sociedade que requer que o indivíduo se torne escritor de sucesso, homem famoso, etc.? Tudo isso faz parte do «princípio do prazer», que se traduz em violência. Na igreja diz-se: amemos o próximo — e nos negócios «cortamos-lhe o pescoço».

A norma social não tem sentido. Toda a estrutura militar, toda a estrutura baseada no princípio hierárquico, na autoridade, significa, mais uma vez, domínio e prazer que, por seu turno, faz parte da violência — da violência básica. A compreensão de tudo isto exige muita observação; não é questão

de capacidade: começa-se a compreender pelo *observar.* E ver *é* agir.

É o prazer que buscamos, a todas as horas. Queremos prazer cada vez maior, e o prazer supremo, naturalmente, é o de «alcançar Deus». Na busca do prazer encontra-se o medo; transportamos durante a vida essa lúgubre carga do medo. Medo, aflição, pensamento, violência, agressão — todos se interrelacionam. Por conseguinte, compreendendo-se claramente uma dessas coisas, compreendem-se as demais.

Podemos arranjar tempo para analisar toda a estrutura emocional e intelectual do nosso ser; analisá-la passo a passo, como fazem os analistas, na esperança de estabelecer uma relação normal entre o indivíduo e a sociedade; ou podemos ver que somos violentos e compreender directamente a causa dessa violência. Assim sabemos qual é essa causa. Mas ver todas e cada uma das formas de violência exige tempo; destrinçar a violência, completamente, em todas as suas formas, é um trabalho de meses, de anos. Esse processo parece-me absurdo. É como um homem ser violento e tentar ser não violento e, enquanto o está tentando, continuar a semear os germes da violência. A questão, pois, é se somos capazes de ver *instantaneamente* a coisa no seu todo, e resolvê-la imediatamente. É disso que se trata realmente, e não de proceder pouco a pouco, dia após dia, mês após mês. Essa é uma tarefa terrível, desanimadora, interminável, exigindo uma mente meticulosa, analítica, capaz de dissecar, de ver cada aspecto e não perder uma só particularidade — pois, perdendo-se alguma particularidade, o quadro sai todo errado. Isso não só exige tempo, mas encerra também um conceito que formamos sobre o que é «ser livre da violência». Esse conceito, esse pensar de que nos servimos para tentar libertarmo-nos da violência, cria, de facto, violência; *a violência é criada pelo pensamento.* A questão, pois, é esta: É possível perceber a coisa na sua totalidade, imediatamente? — não intelectualmente, porque, se ela é formulada como um problema intelectual, não se encontra nenhuma solução e a pessoa acaba suicidando-se, como o fazem muitos intelectuais — suicidando-se de facto ou inventando uma teoria, uma crença, um dogma, um

conceito e ficando escravos dele (o que é também uma forma de suicídio), ou voltando às velhas religiões, tornando-se católico, protestante, hinduísta, adepto do Zen, etc.

A questão, pois, é se há possibilidade de ver a coisa *na sua totalidade, imediatamente* e, com esse acto de *ver,* pôr-lhe fim.

Vemos a totalidade quando o problema é suficientemente urgente, não só para a própria pessoa, como também para o mundo.

Há guerra exteriormente, e interiormente, há guerra em cada um de nós; é possível acabarmos com ela *imediatamente,* «voltarmos-lhes as costas», psicologicamente? Ninguém pode responder a esta pergunta senão *vós mesmos* — isto é, quando a ela respondem *sem* dependerem de qualquer autoridade, de quaisquer conceitos intelectuais ou emocionais, quaisquer fórmulas ou ideologias. Mas, como dissemos, isso exige muita seriedade e uma grande observação — observação, quando estamos sentados num autocarro, vendo tudo à nossa volta; observação daquilo que está à nossa frente, a mover-se, a transformar-se; observação, sem motivo algum, de todas as coisas tais como são. *O que é,* tem muito mais importância do que o que «deveria ser». Como resultado desse empenhamento, dessa atenção, talvez venhamos a saber o que é *amar.*

INTERLOCUTOR — Do que diz, devo entender que temos de meditar, mas a nossa mente é impedida de fazê-lo porque está sempre passando automaticamente de um pensamento para outro, de modo que não podemos observar o que se passa à nossa volta? Significa isso que, em primeiro lugar, devemos observar o que ocorre na nossa mente?

KRISHNAMURTI — Para observar «temos de meditar» — eu não disse isso. Observar *é* meditação, e isso não significa que para observar tenhamos de meditar. Observar é extremamente difícil. Observar, por exemplo, uma árvore, é dificílimo, porque temos ideias, imagens, relativas à árvore, e essas ideias — conhecimentos botânicos, etc. — impedem-nos de olhar a árvore. Observar o marido ou a mulher é mais difícil ainda, porque também temos uma imagem relativa à nossa

mulher e ela tem uma imagem a nosso respeito, e a relação existente é entre essas duas imagens. É o que em geral se chama «relacionamento»: dois conjuntos de lembranças, de imagens, em relação entre si. Vejam como isto é absurdo. As relações que em geral temos são uma coisa morta. Observar significa, de facto, apercebermo-nos da interferência do pensamento; ver como a imagem que temos da árvore, da pessoa, do que quer que seja, interfere com o acto de olhar. Observemos como em regra nos esquecemos do que estamos a olhar — a árvore, a pessoa; e vejamos porque o pensamento interfere, porque fazemos uma imagem acerca dessa pessoa. Porque temos uma imagem de quem quer que seja? Aqui estamos, vós e eu, a olhar-nos — eu, o «orador», e vós, os «ouvintes». Têm, infelizmente, uma imagem relativa ao «orador»; mas eu que não os conheço, nenhuma imagem tenho de vós e, portanto, posso *olhá-los*. Mas não posso fazê-lo se digo para mim: vou servir-me destes «ouvintes» para alcançar poder, posição, para os explorar, tornando-me um homem famoso — sabemos, de resto, de todas as futilidades que os seres humanos cultivam. Assim, *observar* significa: observar sem a interferência do nosso *fundo*. Compreendem? Todo o nosso ser, que está a «olhar», é o nosso *fundo* — cristão, francês, intelectual... Pela observação descobre-se esse fundo; é observá-lo com objectividade, sem escolha, sem qualquer tendência, é uma grande disciplina — não a absurda disciplina do ajustamento, da imitação.

Essa observação torna a mente extraordinariamente activa, e muito sensível. Isso, no seu todo, é *meditação*. Não se entenda, pois, que «para observar é preciso meditar», mas antes, que é quando *observamos* que todas estas coisas acontecem. Eis o que significa meditação, e não uma determinada espécie de «controle do pensamento», assunto de que trataremos mais tarde.

(Conferência em Paris, em 16 de Abril de 1967).

In «A Essência da Maturidade», Ed. Instituição Cultural Krishnamurti, Rio de Janeiro, Brasil.

(Título original *Talks in Europe 1967*, Ed. Servire-Wassenaar, Holanda, 2ª edição).

AMOR E SEXO

INTERLOCUTOR — Sou casado e tenho vários filhos. Tenho dissipado bastante a minha vida, em busca de prazer, mas também tenho levado uma vida muito «civilizada» e financeiramente muito bem sucedida. Agora porém atingi a meia-idade e sinto-me preocupado, não só com a minha família, mas também com o caminho que o mundo está a tomar. Não sou agressivo nem dado a sentimentos violentos e sempre achei que a compaixão e o perdão são as coisas mais importantes da vida. Sem elas o homem torna-se subhumano. Por isso gostaria de perguntar-lhe o que é o amor. Ele existirá realmente? A compaixão deve fazer parte dele, mas sinto sempre que o amor é, de certo modo, muito mais vasto, e se pudéssemos pesquisar isso juntos, talvez então eu fizesse da vida alguma coisa que valesse a pena, antes que seja tarde de mais. Vim realmente para perguntar isto — que é o amor?

KRISHNAMURTI — Antes de começarmos a investigá-lo, temos de saber com toda a clareza que a palavra não é a coisa, a descrição não é aquilo que se descreve, porque quaisquer explicações, por muito subtis e hábeis que sejam nunca serão capazes de abrir o coração à imensidade do amor. Temos de compreender isto, não ficando apenas nas palavras; as palavras são úteis para comunicar, mas quando falamos de uma *realidade* que de facto não é verbal temos de estabelecer uma comunhão entre nós, de modo que ambos sintamos e compreendamos a mesma coisa, ao mesmo tempo, com a plenitude do coração e da mente. De outro modo será só um jogo de palavras.

Como se poderá abordar essa realidade verdadeiramente tão subtil que não pode ser tocada pela mente? Temos de avançar de modo muito «hesitante».

Vamos ver primeiro o que o amor *não* é, para podermos então talvez compreender o que ele *é*. Pela negação poderemos encontrar o positivo; procurar meramente o positivo leva a conjecturas e conclusões que produzem divisão. Você pergunta o que é o amor. E nós dizemos que talvez possamos

descobri-lo quando soubermos o que ele não é. Tudo o que produz divisão, separação, não é amor, porque nisso há conflito, luta e desumanidade.

I. — O que entende por divisão, ou separação, que produz conflito? Que quer dizer com isso?

K. — O pensamento, por sua própria natureza, é separativo. É o pensamento que procura o prazer e o mantém. É o pensamento que cultiva o desejo.

I. — Não se importa de examinar o desejo um pouco mais?

K. — Vê-se uma casa, acha-se que ela é bonita, depois vem o desejo de a possuir e de tirar dela prazer, e então há o esforço para a alcançar.

Tudo isto constitui o «centro» e este «centro» é a causa da divisão.

Este «centro» é o sentirmo-nos um «eu», que é o causador de divisão, porque esse mesmo sentimento de «eu» é o sentimento de separação. As pessoas chamam a isso o «ego» e toda a espécie de outros nomes — o «eu inferior», oposto à ideia de um «eu» superior... — mas não há necessidade de complicarmos isso; é muito simples. Onde há o «centro» que é o sentimento de «eu», o qual nas suas actividades se isola a si mesmo, há divisão e resistência. E tudo isso é o processo do pensamento. Assim quando pergunta o que é o amor, ele não pertence a este «centro». O amor não é prazer e dor, nem ódio, nem violência sob qualquer forma.

I. — Por consequência, neste amor de que fala não pode existir sexo, dado que não pode existir desejo?

K. — Não tire conclusão nenhuma, por favor. Estamos a investigar, a explorar. Qualquer conclusão ou suposição impede a continuação da pesquisa. Para responder a esta pergunta temos também de olhar para a energia do pensamento. O pensamento, como dissemos, sustenta o prazer — ao pensar nalguma coisa que tenha sido agradável, ao cultivar a imagem, a lembrança. O pensamento *gera* o prazer. Pensar no acto sexual torna-se sensualidade, o que é inteiramente diferente do acto sexual. Aquilo que a maior parte das pessoas tem é a paixão da sensualidade. O desejo *antes* e *depois* do sexo é sensualidade. Esse desejo é pensamento. E pensamento não

é amor.

I. — Poderá haver sexo sem esse desejo do pensamento?

K. — Tem de o descobrir por si. O sexo desempenha um papel extraordinariamente importante nas nossas vidas porque é talvez a única experiência profunda, e de primeira mão, que temos. Intelectualmente e emocionalmente conformamo-nos, imitamos, seguimos, obedecemos. Há sofrimento e luta em todas as nossas relações, excepto no acto sexual. Mas por ser um acto tão diferente e belo, tornamo-nos dependentes, e assim, por seu turno, isso torna-se uma escravidão. A escravidão é a exigência de que ele continue — mais uma vez, por acção do «centro» que é divisivo. A pessoa está tão limitada — intelectualmente, na família, na comunidade, tão cercada pela moralidade social, pelas sanções religiosas — que lhe fica apenas essa única relação com liberdade e intensidade. É por isso que se lhe dá uma importância tremenda. Mas se houvesse liberdade, não haveria então uma tal ânsia, nem o sexo constituiria um problema. Fazemos dele um problema, ou porque não podemos satisfazê-lo bastante ou porque nos sentimos culpados por o termos satisfeito; ou então porque infrigimos as regras que a sociedade estabeleceu. É a sociedade velha que chama à nova permissiva, porque para esta última o sexo faz parte da vida.

Ao libertar-se a mente da prisão do conformismo, da imitação, da autoridade e das prescrições religiosas, o sexo adquire o seu lugar próprio, mas não deveria nunca absorver tudo.

A partir daqui, podemos ver que a liberdade é essencial para o amor — não a «liberdade» da revolta, não a «liberdade» de fazer o que apetece, nem a de ceder aberta ou secretamente aos próprios apetites, mas a liberdade que nasce quando se compreende toda esta estrutura e natureza do «centro». Então *liberdade é amor.*

I. — Liberdade não é portanto «licença», licenciosidade?

K. — Claro que não. «Licença» é escravização. O amor não é ciúme, nem ódio, nem ambição, nem espírito competitivo, com o seu medo de fracasso. Não é «amor divino» nem «amor humano» — o que é mais uma vez divisão. O amor não é «de um só» ou de muitos. Quando existe amor, ele é pessoal e

impessoal, tem e não tem objecto. É como o perfume de uma flor; uma só pessoa ou muitas podem senti-lo: o que importa é o perfume e não a quem ele pertence.

I. — Onde é que, em tudo isto, entra o perdão?

K. — Quando há amor, não pode haver perdão. O perdão existe apenas depois de se ter acumulado rancor; perdão é ressentimento. Quando não há ferida não há necessidade de cura. O ressentimento e o rancor são produzidos por desatenção, a pessoa toma consciência deles e então «perdoa».

O perdão encoraja a divisão. Quando estamos conscientes de que «nós» estamos a perdoar, então estamos a cometer uma falta. Quando estamos «conscientes» de que somos tolerantes, então somos intolerantes. Quando estamos «conscientes» de que estamos silenciosos, então não há silêncio. Quando, *deliberadamente,* nos dispomos a amar, então somos violentos. Enquanto há um observador que diz, «*Eu* sou» ou «*Eu* não sou», não pode existir amor.

I. — Que lugar tem o medo, no amor?

K. — Como é possível essa pergunta? Onde está um não está o outro. *Quando há amor* podemos fazer o que quisermos.

In «A LUZ QUE NÃO SE APAGA», Ed. Instituição Cultural Krishnamurti, Rio de Janeiro, Brasil.
Título original *The Urgency of Change,* Ed. Gollancz, Londres.

O amor é algo totalmente novo todos os dias, o que não acontece com o prazer, que tem continuidade. O amor é sempre novo, e é por isso a sua própria eternidade.

(*In The Awakening of Intelligence*, Ed. Gollancz, Londres)

O NOVO CÉREBRO

Como vamos realizar dez palestras, consideraremos vários assuntos com atenção e cuidado, de modo que todos venhamos a compreender o que se vai dizer. Peço-vos paciência, pois não é possível, numa só palestra, abranger a totalidade da vida. O que podemos fazer é *investigar juntos* se há alguma possibilidade — neste mundo, com os seus problemas complexos, com os seus sofrimentos e conflitos, com a confusão generalizada tanto interior como exteriormente — se, para o ser humano que vive neste mundo e funciona «normalmente» (como se costuma dizer), há alguma possibilidade de resolver, de ficar liberto dos numerosos problemas existentes não só à sua volta, mas também daqueles que estão dentro de si. Podemos investigar se é possível libertar-nos de maneira total e, assim, passarmos para uma dimensão da existência inteiramente *diferente*.

Considero muito importante e necessário examinar esta questão, que exige infinita paciência. Exige profunda atenção e investigação, não segundo as tendências, a nacionalidade e opiniões de cada um, mas *investigando o problema humano no seu todo.* Oxalá pudessemos compreender o Homem *como um todo* — o homem que vive na Índia, na Rússia, na China, na Suíça. Quando compreendermos os homens na sua globalidade, talvez venhamos a compreender *cada homem* — vós e eu.

Para se compreender esse imenso problema — pois trata-se, com efeito, de um problema enorme e muito complexo — temos de primeiramente compreender o que é que deseja cada um de nós, como ser humano, de que é que está à procura, o que é que está a tentar fazer. Penso que, se pudessemos perguntar a nós mesmos de que é que estamos à procura, o que é que desejamos «experimentar», com que empenho desejamos levar uma vida pacífica e qual a profundidade do nosso desejo de sermos livres, talvez então tivessemos a possibilidade de investigar inteligentemente.

A maioria de nós, com efeito, deseja «experimentar» alguma coisa. As nossas vidas são estreitas, muito vulgares, limi-

tadas, bastante «burguesas», se posso empregar esta palavra sem lhe dar nenhum sentido pejorativo. Todos sabemos isso e desejamos ir «mais além» e experimentar alguma coisa que seja mais viva, altamente significativa e capaz de resolver todos os nossos problemas. Parece-me que é isso que o homem, no mundo inteiro, pretende (dando-lhe diferentes nomes: experiência religiosa, sensibilidade exaltada, alta capacidade para compreender a existência total do homem), para se libertar desse incessante conflito e descobrir alguma coisa que seja mais do que aquilo que o pensamento criou.

Quase todos nós já estamos saturados de análises e exames, de investigar, sondar, contestar, duvidar. A maioria das pessoas cultivadas já passou por tudo isso. Leram muitos livros e, intelectualmente, conhecem as respostas a quase todas as perguntas. Mas, esse conhecimento não pode responder satisfatoriamente a todas as perguntas que a mente faz; as respostas encontradas não satisfazem inteiramente, não resolvem completamente os problemas. A mente está sempre à procura, a querer descobrir o que é a morte, o que é o amor, qual é a relação correcta, como ficar liberto do constante conflito interior e exterior, livre das guerras, como ter paz, o que significa liberdade. Estamos sempre a interrogar, desejamos que alguém nos dê a resposta — alguma autoridade, alguma pessoa que «sabe», e com grande conhecimento da vida. Contamos com a ajuda de outros e o resultado é que ficamos completamente enredados nas opiniões dos mais «habilidosos», dos antigos instrutores ou dos mais modernos e doutos intelectuais.

Vivemos muito interessados em opiniões, mas as opiniões não representam a verdade. Analisar as opiniões é uma coisa muito pouco significativa. Só conduz a debates dialécticos, «subtis», intelectuais. Para um indivíduo descobrir *por si próprio,* como ser humano total, a resposta verdadeira, é muito importante a maneira como se faz a pergunta, o fim que se tem em vista, o «motivo» que a determina — porque, em geral, o motivo dá a resposta à pergunta. Se se tem um certo propósito ao fazer-se uma pergunta, esse propósito dita a resposta.

A pergunta já está «respondida» e, por conseguinte, não tem valor nenhum; porque a pessoa já tem um «motivo», um propósito, uma intenção, uma direcção que a levará onde quer chegar, e só faz a pergunta para ver se a resposta que se lhe dá é «certa» ou «errada». O homem que faz uma pergunta com um «motivo» é, na verdade, uma pessoa muito superficial, porque a sua resposta já está ditada, condicionada pelo seu motivo, propósito e direcção. Mas pode-se fazer uma pergunta sem ter um determinado fim em vista, sem estar em busca de qualquer coisa? Este é que é o verdadeiro problema, e é muito interessante investigá-lo. A nossa vida é muito inquieta, vivemos aflitos e confusos, sofremos, e há guerras que nos ameaçam a segurança; há muitas ideologias, teorias, dogmas, crenças, medos e tudo o mais que constitui a nossa herança humana. Queremos ver resolvidas todas estas questões. É normal e próprio de uma pessoa equilibrada perguntar a si mesma se tem ou não possibilidade de se libertar delas, mas, como acabámos de dizer, fazer uma pergunta com um motivo é de muito pouca significação.

Pode fazer-se uma pergunta e *deixá-la actuar,* sem tentar achar-lhe a «resposta», sem tentar achar uma «solução» para os nossos problemas?

Existirá uma solução, uma solução total, completa, para todos os nossos problemas, para qualquer problema que seja — a morte, o amor, o acabar das guerras, dos racismos e das lutas de classe, enfim, todos os absurdos da mente?

Essa solução *existe,* mas é muito importante fazer a pergunta correcta, e isso parece-nos dificílimo. Temos tanta ânsia de encontrar a resposta, a solução, porque o que nos interessa é o *já* — o que acontecerá imediatamente. A impaciência dita a resposta. Essa «resposta» dá sempre conforto, satisfação, e daí pensarmos que encontrámos a resposta.

Vede por favor, e isto deve ficar entendido desde a primeira palestra, que não estais aqui apenas para ouvir o «orador»! Ele não tem importância nenhuma, nem aquilo que diz. O que tem importância é que vos compreendais a vós mesmos, ao escutardes o que ele diz. Ele é como um espelho em

que vos vedes reflectidos. Nesse espelho vão-se «revelar» a vossa consciência, as vossas actividades diárias, as vossas exigências e medos inconscientes. Quando uma pessoa escuta dessa maneira, começa a descobrir, *por si mesma,* não as ideias, nem as conclusões do «orador», mas sim *o que é verdadeiro e o que é falso.* No momento em que, como ser humano, uma pessoa compreende o que é verdadeiro, o seu problema resolve-se completamente. Mas, se fica só a ouvir, no plano intelectual, o que diz este «orador», a discutir mentalmente com ele, interessado apenas numa opinião, nos próprios conhecimentos, ou nas conclusões adquiridas de outro, ficará unicamente a comparar o que diz o «orador» com aquilo que outro disse. Ficará no mundo das palavras, no mundo das opiniões e das conclusões, que são coisas de valor insignificante. Espero que escuteis, mas não com a memória do que já sabeis. O que é extremamente difícil. Quando escutamos alguma coisa, a nossa mente *reage* prontamente, com os seus conhecimentos, as suas conclusões, as suas opiniões, as suas velhas lembranças. Ela só escuta e investiga, para uma compreensão «no futuro». *Observai-vos a vós mesmos,* a maneira como estais escutando, e vereis que é isso que está sucedendo. Ou estamos a escutar com uma conclusão, com o nosso conhecimento, com certas memórias, experiências, ou desejamos com impaciência uma resposta. Desejamos saber a significação das coisas, a significação da vida, conhecer a extraordinária complexidade da existência. Mas não estamos escutando verdadeiramente. Só podemos escutar quando a nossa mente está *quieta,* quando não «reage» imediatamente, quando há um *intervalo* entre a reacção e o que se ouve dizer.

Então, nesse intervalo, há quietude, há *silêncio.* Só nesse silêncio há a *compreensão,* que *não* é compreensão intelectual. Se houver esse intervalo entre o que se diz e a nossa própria reacção ao que se diz, nesse intervalo, quer o prolonguemos por um longo período, quer por alguns segundos, nesse intervalo, como se pode observar, nasce a clareza. Esse «intervalo» é o *cérebro novo.* A «reacção imediata» é o cérebro velho, e esse cérebro velho, funciona segundo a sua própria tendência tradicionalista, sancionadora, reactiva, «animalista».

Quando há um retardamento, uma suspensão dessa reacção, ou seja um intervalo, veremos então que o cérebro novo actua, e só este é capaz de *compreender,* e não o cérebro velho.

Considero muito importante compreender a maneira de operar, de funcionar, a actividade do cérebro velho. Quando opera o cérebro novo, então o cérebro velho nenhuma possibilidade tem de o compreender. Só quando o cérebro velho — e este é o cérebro condicionado, o nosso cérebro «animalista», o cérebro que foi cultivado durante séculos, que está continuamente em busca da sua própria segurança, do seu próprio conforto — *só quando esse cérebro velho se aquieta, é possível ver que existe um movimento de qualidade completamente diferente,* e esse movimento é que trará a clareza. Esse movimento *é* clareza. Para podermos *compreender,* devemos compreender o cérebro velho, prestar-lhe atenção, conhecer todos os seus movimentos, actividades, exigências, intuitos; por isso, é tão importante a meditação. Não me refiro ao cultivo absurdo e sistemático de um certo hábito de pensamento, etc.; isso é completa falta de maturidade. Por meditação, quero dizer a compreensão das operações do cérebro velho, observá-lo, saber *como* reage e *quais* as suas reacções, as suas tendências, as suas exigências e intuitos agressivos — conhecê-lo todo inteiro, tanto a parte consciente como a inconsciente. Quando o conhecemos, quando o vemos claramente, *sem* procurar controlá-lo, dirigi-lo, e sem dizer: «Isto é bom; isto é mau; conservarei isto; não conservarei aquilo» — quando se percebe o movimento total da mente velha, quando o vemos inteiramente ela então torna-se quieta.

Em seguida temos de investigar estas questões: o que é *ver,* o que é *observar,* o que é *percepção.* Gostaria de saber de que maneira vedes estas coisas: são vistas com os olhos, com a mente? É óbvio que vedes as coisas com os olhos, mas com a mente vê-se com muito mais rapidez. Vê-se o mundo muito mais rapidamente do que com os olhos. Vemos com a memória e, assim, quando «vemos» as coisas — quer dizer, com a mente — vemos o que *existiu* e não o que realmente *existe.*

Por favor, como já disse, *fazei* isso que estais escutando, fazei-o realmente enquanto escutais, isto é, vede como a vossa mente olha as coisas, sempre com o conhecimento do passado, com todos os sofrimentos e ansiedades, sentimentos de «culpa», desespero, esperança e tudo o mais que foi acumulado — tudo coisas passadas. É com tudo isso que olhamos, de modo que, quando estamos a olhar a velha mente, estamos a olhá-la com os conhecimentos da mente velha; por conseguinte, não estamos a *ver* realmente. Para se *ver* qualquer coisa, não importa qual seja — a nossa própria mente em funcionamento, uma árvore, o movimento do rio, as núvens que passam velozes sobre o vale — o passado deve estar silencioso. Para *ver,* todo o conhecimento das nossas próprias intenções, preocupações, problemas pessoais, etc., deve ser posto de lado, e isso significa, com efeito, que se necessita de estar *livre* para olhar as coisas, livre para olhar esse cérebro tão complexo e alimentado pelo tempo, esse cérebro que representa o passado; livre para olhar todas as suas reacções; expô-lo à luz. Só então se pode *observar.*

Não podemos observar quando temos defesas, quando oferecemos resistência, e a maioria de nós teve sempre muito cuidado em cultivar esses mecanismos de auto-defesa, que nos impede de *ver.* Somos cristãos, hinduistas, ateístas, comunistas, e sabe Deus que mais; somos essas coisas todas e, através delas, através da actividade da mente velha, olhamos a vida, e nunca olhamos, em liberdade, essa velha mente. Só quando há liberdade a mente velha «responde», revelando-se. Se estou a defender-me, preciso de estar *livre* para compreendê-lo, pois só em liberdade *podemos* olhar e compreender. Só quando há liberdade, a velha mente «responde» de maneira natural, e podemos então compreendê-la. Mas parece que não queremos ser completamente livres, que nunca pedimos, nunca exigimos liberdade *total.* Queremos uma liberdade condicional, queremos ficar livres de alguma dor, ansiedade ou problema imediato, mas essa exigência de liberdade «imediata» não é liberdade. *Ser livre implica liberdade total.* Só nessa liberdade temos possibilidade de descobrir. É assim que fazem os grandes cientistas; só quando se acham inteiramente livres, nos seus laboratórios ou onde quer que trabalhem, só

então podem descobrir coisas inteiramente novas. Fora dos seus laboratórios são exactamente como os demais seres humanos.

A exigência de liberdade e a insistência em alcançá-la revelarão, natural e facilmente, os variados condicionamentos e defesas que o homem construiu através dos tempos. Nessa revelação do passado o homem começa a ficar realmente *livre* do passado (tanto consciente como inconsciente).

INTERLOCUTOR — Como explorar o inconsciente?

KRISHNAMURTI — Em primeiro lugar, que é o inconsciente? Muitos já escreveram a esse respeito, com diferentes preconceitos, tendências e conclusões. Mas, se pusermos tudo isso de lado, se «rejeitarmos» tudo o que outros disseram, poderemos então começar a investigar, por nós mesmos, o que é o inconsciente — o que ele *realmente* é.

Então, já não dependemos do que outros disseram ou dizem. Que é o inconsciente? Estais esperando que eu diga? Ou também estais *investigando?* Como se investiga? Só se pode investigar quando há interesse apaixonado. Se desejamos saber por nós mesmos, se desejamos, apaixonada e profundamente, saber o que é esse inconsciente, que acontece então? Que acontece, quando, com o maior ardor, desejamos investigá-lo, por nós mesmos, como ser humano total, «rejeitando» tudo o que outros disseram a esse respeito? A nossa mente aguça-se, torna-se extraordinariamente activa; ela está então a olhar, não está a perguntar, mas a *observar.* Há diferença entre perguntar e observar. Quando perguntamos, desejamos uma resposta, e essa resposta dependerá do nosso condicionamento, das nossas tendências, esperanças e medos. Mas, se estamos a observar não há pedir, não há perguntar; há apenas *observar.* Espero que estejais percebendo a diferença entre *perguntar* e *observar.* Agora estamos a observar, quer dizer, estamos completamente vivos, activos, sem esperar que alguém venha dizer-nos o que ele é e, por conseguinte, não temos medo de descobri-lo. Não estamos a repetir o que outro disse. Que é que descobrimos?

I. — Como posso eu compreender o inconsciente?

K. — Não estaremos a falar de duas coisas diferentes?

Estamos a empregar a palavra *compreender* no sentido de *observar,* saber, «familiarização» com o inconsciente, *perceber todo o seu conteúdo,* como ele opera, como funciona, como está em efervescência — *a sua totalidade.* E digo: Está a investigar por si mesmo o que é o inconsciente? Ou está a olhá-lo com o conhecimento do que outros disseram a esse respeito? Observemo-lo e olhemo-lo com toda a atenção! Se o estamos «observando» com o conhecimento do que outros disseram, esse conhecimento já é uma parte do inconsciente, não é?

I. — Como explicar às crianças o que acontece depois da morte?

K. — Estamos a tratar de um assunto completamente diferente. Vamos examinar essa questão da morte noutra ocasião.

I. — Pensei que tivesse terminado.

K. — Ah, não, ainda não. Como seria possível acabar com aquela questão em dois minutos? Compreendeis o que acabo de dizer? Se olho para o inconsciente com o conhecimento do que outros já disseram sobre ele, já estou a funcionar no passado; não estou *olhando;* o que foi dito por outros passou a fazer parte do inconsciente. Descubro que o meu inconsciente é constituído por tudo o que foi dito a respeito da morte, de Deus, do comunismo, sobre como devo comportar-me, a herança racial, o passado inteiro — isso *é* o inconsciente. Eu *descobri* isso. Não o estou a repetir e, portanto, aquilo que descobri tem vida.

I. — Se somos constituídos inteiramente por esse *fundo,* pelo passado, quem é o observador que está a observar o passado? Como separar o passado da entidade que diz: «Estou a olhar o passado»?

K. — Quem é a entidade, o observador que está a olhar o passado? *Quem* é a entidade, o pensamento, o ser, não importa que nome tiver, que diz: «Estou a olhar para o inconsciente»?

Há separação entre o «observador» e a coisa observada. *Há, realmente?* O observador não será a coisa observada? Portanto, não há separação nenhuma. Vamos reflectir nisto com vagar. Se pudessemos compreender esta coisa simples,

não poderia haver nada mais extraordinário! Compreendem a questão? Há o inconsciente e também o consciente, e digo que devo conhecê-los perfeitamente; que tenho de conhecer o conteúdo da consciência, e também o estado da consciência quando não há conteúdo. Este é mais um passo em frente, que consideraremos, se houver tempo.

Estou olhando o inconsciente. Eu, o observador, digo que o inconsciente é o passado; o inconsciente é a raça a que pertenço, a tradição, não só a tradição da sociedade, mas também da família, o nome, o resíduo de toda a cultura indiana, o resíduo da humanidade inteira, com os seus problemas, ansiedades, sentimentos de culpa, etc. «Eu» sou tudo isso, e tudo isso constitui o inconsciente, que é o resultado do tempo, de milhares de dias passados, e eu estou a observá-lo. Mas, *quem é o observador?* Repito: investigue-o por si mesmo; tente descobrir quem é o observador! Não esteja à espera que eu lho diga...

I. — O observador é a entidade que olha.

K. — Mas, quem é que olha? O observador *é* o objecto observado. Não há diferença: *o observador é a coisa observada.* Que pode, então, o observador fazer em relação ao inconsciente?

I. — Nada!

K. — Esta questão é muito importante. Não podemos simplesmente deitá-la fora, dizendo: «Nada». Se sou o resultado do passado — e *«eu» sou o passado* — *nada* posso fazer em relação ao inconsciente. Percebem o que isso significa? Se *nada* posso fazer em relação a ele, estou então *livre* dele! (mas não concordeis prontamente; isto requer uma grande atenção). Se nada posso fazer, mesmo nada, em qualquer nível, em relação ao sofrimento físico e também em relação ao sofrimento psicológico, se nada posso fazer, porque o observador *é* o objecto observado, estou, portanto, *livre* dele. Só quando penso que posso fazer «alguma coisa» em relação a ele, é que deixo de ser livre.

I. — Que acontece quando nada posso fazer em relação ao inconsciente? O passado não é o presente? A mente está aprisionada no inconsciente, e que pode ela fazer?

K. — O «presente» é o passado, modificado. E é ainda o

passado, que vai criar o futuro, o «amanhã». O passado, através do presente, torna-se futuro. O futuro é o passado, modificado. Dividimos o passado em «presente» e «futuro» e, portanto, o passado passa a ser um movimento constante, que se modifica; mas é sempre o passado que está a funcionar: portanto, não há «presente»! O passado está sempre a operar, ainda que lhe chamemos «presente» e procuremos viver no presente, afastando o passado e o futuro e dizendo: «O presente é a única existência que tem importância». Contudo, ele é ainda o passado, que dividimos em presente e futuro. Ora, pergunta [o Interlocutor], o que acontece quando vejo que o passado sou eu, o observador que está examinando, que o observador *é* o passado? Que acontece? Quem vo-lo pode dizer? Este com quem estais falando? Se eu vos dissesse o que acontece, isso seria apenas mais uma conclusão que iria tornar-se parte do inconsciente. Iríeis «funcionar» conforme o que se dissesse e nada seria descoberto *por vós mesmos*. Se ficais à espera que o «orador» vos diga alguma coisa, estais então apenas a acumular. Essa acumulação modifica-se como «presente» e «futuro» e ficais vivendo permanentemente na corrente do tempo. Mas, ao perceberdes que o «observador», o «pensador», *é* o passado e que portanto não há separação entre o observador e o objecto observado, *cessa* então toda e qualquer actividade por parte do observador, não é verdade? É isto que parece não percebermos.

I. — Mas o tempo é uma ilusão.

K. — Oh, não, não! O tempo não é uma ilusão. Como se pode dizer que o tempo é uma ilusão? Tendes de ir almoçar, de voltar a casa, de apanhar um combóio para fazer uma viagem que poderá durar cinco horas ou uma hora. Isso é o tempo. Não é nenhuma ilusão. Não podeis traduzir isso como uma «ilusão». O inconsciente é, *de facto,* o passado; e o «observador» diz: «Tenho de esvaziar-me do passado; tenho que fazer alguma coisa em relação a ele, tenho de resistir-lhe; tenho de limpá-lo; tenho de eliminar certas condições neuróticas, etc., etc. Assim, o «observador», o «agente» olha o inconsciente como coisa diferente de si próprio; mas, se o observarmos muito atentamente, veremos que esse que observa *é* o inconsciente, o passado.

I. — Como esvaziar-me do passado?

K. — Não podemos «fazê-lo». O passado esvazia-*se* totalmente quando *não há* «observador». É o «observador» que origina o passado; é o «observador» que diz: «Preciso de fazer alguma coisa dentro do tempo». Isto é muito importante. Ao olhardes uma árvore, é muito importante compreender que a árvore está lá e que vós, o «observador», estais a olhá-la. Estais a olhá-la com os conhecimentos que a respeito dela tendes. Conheceis a sua espécie, sabeis de que cor, de que forma, de que qualidade ela é; se é uma árvore «útil». Tendes conhecimentos a respeito dela; portanto estais a olhá-la como um «observador» que possui abundantes conhecimentos àcerca dela. Do mesmo modo olhais para a vossa mulher ou marido, com os conhecimentos do passado, a memória de todas as ofensas e de todos os prazeres. Estamos sempre a olhar como o «observador» *separado* da coisa observada: dois estados diferentes. Nunca *olhamos* a árvore. Olhamos sempre com o conhecimento que temos da árvore. Isto é muito simples. Olhar para outra pessoa — marido, mulher, amigo — requer que se olhe com uma *mente nova;* de contrário, não se pode *ver.* Se olharmos com o passado, com o prazer, com a dor, com a ansiedade, com o que ele ou ela disse, tudo isso permanece; e é *com* isso e *através* disso que olhamos. Isso é o «observador». Se pudermos olhar uma árvore, uma flor, ou outro ser humano, sem «observador», acontecerá uma acção totalmente *diferente.*

(Conferência em Saanen, Suiça, em 10 de Julho de 1966).
In «O Mistério da Compreensão», Editora Cultrix, S. Paulo, Brasil, 1970.
Título original *Talks by Krishnamurti in Europe,* 1966.

A CRISE ACTUAL

Pergunta: Dizeis que a crise actual é sem precedentes. Em que sentido é ela excepcional?

Krishnamurti: É evidente que a crise actual, que afecta todo o mundo, é excepcional, sem precedentes. Tem havido crises de variados tipos e em diferentes períodos da História, nos campos social, nacional e político. As crises vêm e partem; surgem recessões e depressões económicas, que sofrem modificações e continuam, de modo diferente. Todos nós sabemos isso, pois estamos bem familiarizados com esse processo. É certo que a crise presente é diferente, não é assim? É diferente porque não se trata realmente de dinheiro nem de coisas tangíveis, mas de ideias; é excepcional porque se passa no campo dos idealismos. Estamo-nos confrontando com ideias, arranjamos justificações para os assassínios; por toda a parte estamos a justificar o homicídio como um meio para se atingir um fim correcto, o que é uma coisa sem precedentes. Outrora, o mal era reconhecido como mal, o homicídio como homicídio, mas, presentemente, o assassinar alguém é um meio para se atingir um resultado «nobre». O assassínio, seja ele praticado por uma pessoa ou por um grupo, é justificado como necessário porque essa pessoa, ou o grupo que essa pessoa representa, o assume como um meio de conseguir um resultado que irá beneficiar o homem. Assim, *sacrificamos o presente em nome do futuro* — e não importa os meios que empregamos, desde que afirmemos que a finalidade é produzir um resultado «de interesse geral». Daí se infere que um meio errado produzirá um fim «certo», justificando-se esse meio errado através de ideias. Nas diversas crises que se deram no passado, o ponto central delas estava ligado à exploração de coisas, ou do homem pelo homem; agora é a vez da exploração uns dos outros através de ideias, o que é muito mais negativo, muito mais perigoso, porque este tipo de exploração é extremamente destruidor. Conhecemos agora o poder da propaganda; esta tornou-se uma das maiores calamidades de sempre, porque usa as ideias como meio para transformar o ser humano. É isto que está a acontecer em to-

do o mundo. O homem deixou de ser importante — ao contrário dos sistemas e das ideias. *O ser humano perdeu todo o seu significado.* Podem destruir-se milhões de pessoas desde que se produza um certo resultado, que é justificado por meio de ideias. Temos uma fantástica estrutura de ideias para justificar o mal, e este facto não tem precedentes. Mal é mal; ele não pode trazer-nos o bem. A guerra não é um meio que conduz à paz. Aquela pode proporcionar proveitos secundários, como aviões mais perfeitos, mas nunca poderá trazer a paz aos homens. E a guerra está a ser intelectualmente justificada como um meio para se chegar à paz; mas quando o intelecto comanda a vida humana, gera-se uma crise sem precedentes.

Há outras coisas que nos dizem que esta crise não tem comparação. Uma delas é a extraordinária importância que o homem concede aos valores dos sentidos, à propriedade, ao nome, à classe social, ou ao emblema que se ostenta. É-se Muçulmano, Hindú, Cristão, ou Comunista. O nome e a propriedade, a classe social e o país tornam-se predominantemente importantes, o que significa que o ser humano está prisioneiro dos valores dos sentidos e das coisas, sejam elas feitas pela mente ou pelas mãos. As coisas feitas pelas mãos ou pela mente tornam-se tão importantes que, em nome delas, estamos matando, destruindo, praticando a carnificina, assassinando. Estamos muito perto da beira do precipício; cada acção nos está a conduzir para lá; cada acção política ou económica nos está empurrando inevitavelmente para um abismo de caos e confusão. A presente crise é portanto sem precedentes, e exige, por isso, uma acção sem precedentes. Para se sair desta crise é necessária uma acção intemporal, uma acção que não seja baseada em ideias, em sistemas, porque qualquer acção que seja baseada num sistema ou numa ideia leva inevitavelmente à frustração: uma acção desta natureza só nos levaria de novo ao abismo embora por outros caminhos. Como esta crise é inteiramente nova, terá de haver uma acção também novíssima, o que quer dizer que a regeneração do indivíduo terá de ser *instantânea* e não um processo temporal. Esta mudança tem de acontecer *agora,* não amanhã, porque «o amanhã» é um processo de desintegração. Se eu

penso transformar-me «amanhã», estou atraindo a confusão, estou ainda dentro do campo da destruição. Será possível modificarmo-nos *agora?* Será possível transformarmo-nos completamente no imediato, no agora? Digo que é possível.

O problema é que a presente crise possui um carácter excepcional, e para a enfrentar terá de haver uma revolução no pensamento; e esta revolução não poderá acontecer por intermédio de outrem, ou de qualquer livro ou organização. Terá de acontecer através de nós, de cada um de nós. Só então poderemos criar uma *nova sociedade,* uma nova estrutura em que não seja possível a existência deste horror que nos rodeia, em que não haja lugar para estas gigantescas forças destruidoras que se estão a acumular. E essa transformação será uma realidade apenas quando, como indivíduos, começarmos a estar atentos a nós mesmos, em cada pensamento, em cada gesto, em cada sentimento.

In «A Primeira e Última Liberdade», Editora Cultrix, S. Paulo, Brasil, 5ª edição.

(Título original *The First and Last Freedom,* Ed. Gollancz, Londres, 12ª edição).

O MEDO

O mais importante não é amontoar palavras, argumentos ou explicações, mas promover, em cada um de nós, uma revolução profunda, uma profunda mutação psicológica, para que se torne existente uma nova sociedade, uma relação totalmente diferente entre o homem e o homem, relação não baseada na «moralidade», como actualmente acontece. Essa revolução, no sentido mais profundo, no sentido total da palavra, não se realiza por meio de nenhum sistema, de nenhuma acção da vontade, de nenhuma combinação de hábito e de previdência.

Uma das nossas maiores dificuldades é a de estarmos sujeitos a hábitos. E o hábito, por mais subtil, por mais radicado e entranhado que seja, não é amor. O amor não pode, em circunstância alguma, ser um hábito. O prazer pode tornar-se um hábito e uma exigência contínua, mas o amor não pode tornar-se um hábito. A profunda e radical transformação a que nos referimos deve basear-se nessa realidade essencial que é o amor, que nada tem em comum com sentimentalismo, nada tem a ver com a tradição ou a «cultura» já bem consolidada de qualquer sociedade. Quase todos nós, por falta dessa coisa extraordinária, desse amor, resvalamos para hábitos «virtuosos»; mas os hábitos não podem, em tempo algum, ser virtuosos. Um hábito não é bom nem mau; é meramente *hábito,* isto é, repetição, imitação, ajustamento ao passado e à tradição, produto das tendências hereditárias e do saber adquirido.

Se cultivamos o hábito, ou vivemos em função do hábito, haverá inevitavelmente mais medo. É isto que vamos investigar, todos juntos, esta manhã. A pessoa que se encastelou no hábito, como é o caso da maioria de nós, viverá, sempre e necessariamente, com medo. Por «hábitos» não entendo apenas repetição, mas também os hábitos de comodidade, os hábitos para os quais deslisamos em determinadas relações, como a relação entre marido e mulher, entre a colectividade e o indivíduo, entre as nações, etc.

Todos nós vivemos em função de hábitos, de tradicionais e já bem consolidadas linhas de conduta e de comportamento, de «respeitáveis» maneiras de olhar a vida, de opiniões profunda e solidamente arraigadas, ou seja de preconceitos.

Enquanto a mente não for sensível, alertada, ágil, não será capaz de viver com a realidade da vida, que é fluida e em constante mutação. Psicologicamente, interiormente, não queremos acompanhar o movimento da vida, porque as nossas raízes estão profundamente cravadas no hábito e na tradição, na observância do que nos foi ensinado, na aceitação. Considero sumamente importante compreendermos essas coisas e libertarmo-nos delas, pois não vejo como o homem possa continuar a viver sem amor. Sem ele, continuaremos a

destruir-nos uns aos outros, a viver como fragmentos, cada fragmento em guerra com o outro, em revolta contra o outro; e o hábito, em qualquer das suas formas, gera medo, inevitavelmente.

Deixai-me sugerir-vos que não vos limiteis a concordar e a dizer «Sim, de facto vivemos em função dos hábitos; que devemos fazer?» — mas que presteis atenção a eles, vos torneis conscientes e altamente sensíveis aos hábitos que tendes. Apercebei-vos, não só dos hábitos físicos, como fumar, comer carne, beber — tudo isso são hábitos — mas também dos hábitos profundamente radicados na psique: aceitação, crenças, esperanças e desesperos, agonias, tristezas.. Se pudéssemos examinar juntos este problema do hábito e também o problema do medo (e desse modo, talvez, pôr fim ao sofrimento), haveria então a possibilidade de encontrarmos um amor nunca dantes conhecido, uma benção sem nenhuma espécie de relação com o prazer.

A maioria de nós segue por canais constituidos pelos hábitos, conscientes ou inconscientes; pensamos que há hábitos «correctos» e «errados», «bons» e «maus», hábitos de conduta correcta e hábitos não «respeitáveis», considerados imorais pela sociedade. Mas a moralidade da sociedade é, intrinsecamente, imoral. Isso é muito fácil de observar, pois a sociedade está alicerçada na agressão, no espírito de aquisição, no domínio de uns sobre os outros. Aceitamos essa «moralidade», vivemos nessa estrutura que aceitamos como inevitável, e isso tornou-se um hábito. Transformar esse hábito, ver quanto é imoral (embora essa imoralidade se tenha tornado altamente «respeitável»), vê-lo bem claramente e agir com uma mente já libertada do hábito, de maneira totalmente nova — isso só é possível quando se compreende a natureza do medo. Muito facilmente poderíamos transformar qualquer hábito, libertar-nos de qualquer hábito consolidado e de fundas raízes, se não fosse o medo que temos de, em consequência disso, sofrermos mais ainda, ficarmos ainda mais incertos e em maior escuridão. Tenham a bondade de observar-se, de observar o vosso próprio estado mental, ver que a maioria de nós poderia vencer facilmente os hábitos se, do outro lado, não estivesse o medo, a incerteza.

O que nos faz — à maioria de nós — aferrar-nos aos nossos hábitos é o medo. Portanto, examinemos esta questão do medo, não intelectual ou verbalmente, mas tornando-nos conscientes dos nossos temores psicológicos, examinando-os. Isto é, concedamos ao medo espaço para «florescer», para depois, em pleno «florescimento», observarmos. O medo é um fenómeno bem estranho, tanto biológica como psicologicamente. Se pudessemos compreender os temores psicológicos, então, os temores biológicos poderiam ser facilmente remediados, facilmente compreendidos. Infelizmente, começamos com os medos físicos, descuidando os psicológicos; receamos a doença e a dor, toda a nossa mente se preocupa com ela e não sabemos abordar o problema da dor, sem provocar uma série de conflitos na psique. Mas se pudermos começar pelos medos psicológicos, talvez então os medos físicos possam ser compreendidos e racionalmente resolvidos.

É óbvio que, para olharmos o medo, não deve haver fuga. Tomos temos cultivado vários meios de fuga, a fim de evitarmos o medo. A própria fuga aumenta o medo; isto é também muito simples. Portanto, a primeira coisa que se deve ver é que a fuga ao medo é uma forma de medo. Fugindo dele, estamos a voltar-lhe as costas, mas ele continua a existir do mesmo modo. Compreendei, pois, não verbal ou intelectualmente, compreendei realmente que nenhuma possibilidade temos de fugir dele; ele continua existente, como uma chaga. Não podemos evitá-lo, ele é um facto. Demos, pois, ao medo espaço para «florescer». Assim, como damos à bondade espaço para florescer, demos também espaço ao medo para sair à luz; poderemos, então, observá-lo. Se já alguma vez plantastes uma videira «de crescimento rápido» (se isso vos interessa), sabeis que, voltando a ela no fim do dia, a videira já tem duas folhinhas, já está a crescer com extraordinária rapidez. Da mesma maneira, olhemos o medo; demos-lhe espaço para se mostrar em plena luz, e olhemo-lo. — Isso é semelhante a uma pessoa depender dos outros porque tem medo de estar só e, por causa dessa dependência, praticar toda uma série de actos hipócritas. Se perceber as actividades da hipocrisia e as abandonar, essa pessoa pode ver o seu medo de estar só, e com ele

«ficar», deixá-lo mover-se, crescer, a fim de observar a sua natureza, a sua estrutura e características.

Quando somos capazes de olhar o medo sem tentar evitá-lo, ele assume um carácter diferente. Espero que estejais fazendo isso, examinando o vosso medo pessoal — por mais que o tenhais alimentado ou evitado — sem tentar a fuga de nenhuma maneira, sem julgamento, condenação, justificação. Surge então — se chegastes até aí — a questão: *Quem* está a observar o medo? Tenho medo, não importa de quê — da morte, de perder o emprego, da velhice, da doença; tenho medo e não estou fugindo dele; ele é um facto. Olho-o, e para olhar qualquer coisa preciso de espaço: se fico perto demais, não posso vê-lo. E, quando olhamos o medo e lhe damos espaço e liberdade para viver, *quem* é que está olhando o medo? Quem é que diz: «Não fugi do medo e estou a olhá-lo — não perto demais, para que ele possa crescer, viver; não o estou sufocando com a minha ansiedade» — quem é que diz isso? Quem é o observador? — a coisa observada é o medo. O «observador» é, sem dúvida, a série de hábitos, a tradição que ele aceitou e segundo a qual está vivendo; é o padrão de conduta, a crença positiva ou negativa. O «observador» é isso, não é? O observador é a entidade «cultivada». A mente cultivada, «estilizada», sistematizada, sujeita ao hábito — essa mente é o observador que está olhando o medo. Por conseguinte, ele não está olhando o medo directamente: está a olhá-lo com a «cultura», a ideologia tradicional. Consequentemente, há conflito entre ele — com todo o seu *fundo (background)* e condicionamento — entre ele, a entidade separada, e a coisa observada, o medo. Está a olhá-la indirectamente, procurando razões para não a aceitar, e logo começa uma batalha interminável entre o «observador» e a «coisa observada». A coisa observada é o medo, e o observador olha-o com o pensamento, que é reacção da memória, da tradição, da «cultura».

Precisamos, pois, de compreender a natureza do medo. Vamos examinar este ponto? Trata-se de uma coisa muito simples (espero não a estar tornando complicada). Eu não sei o que acontecerá amanhã; posso perder o emprego; não sei

— tudo pode acontecer «amanhã». Foi o pensamento que produziu esse medo; ele faz-me dizer: «Posso perder o emprego, a minha mulher pode abandonar-me e ficarei sozinho. Posso tornar a sentir a dor que ontem senti». — O pensamento, o pensar no «amanhã» e na incerteza do «amanhã», gera medo. Isto é suficientemente claro, não é? Se se dá um acontecimento «alarmante» em que o pensamento não tenha tempo de interferir, não há medo. Só quando há um intervalo entre o incidente e a reacção, o pensamento tem possibilidade de interferir e dizer «Tenho medo». Temos medo da morte; o medo da morte é o hábito, a cultura em que fomos criados. Por isso, o pensamento «diz»: «Um dia morrerei, pelo amor de Deus, não pensemos neste assunto, afastemo-lo para longe.» Mas o pensamento teme a morte e criou uma «distância» entre si e aquele dia inevitável; por isso, há medo. Assim, para se compreender o medo, temos de investigar toda a estrutura e natureza do pensamento. Ele é reacção da memória, dos milhares de experiências que deixaram um resíduo, uma marca nas próprias células cerebrais; o pensamento é bem «material». Assim posso eu, como «observador», olhar o medo, sem provocar, sem estimular o pensamento com toda a sua acumulação de cultura e de explicações? Neste caso, existirá medo?

Em primeiro lugar, temos medo, porque nunca olhamos o medo; tratamos sempre de o evitar a todo o custo. Esse evitar só cria medo, conflito e luta, acções neuróticas, violência, ódio, aflição, etc. Ora, para podermos olhar sem pensamento, temos de ser muito sensíveis, tanto física como psicologicamente — altamente sensíveis. Isso é impossível quando estamos funcionando dentro dos limites do pensamento. Transcender o pensamento — coisa «impossível» para a maioria de nós — é descobrir se de alguma maneira é possível libertarmo-nos do pensamento.

Podemos prosseguir? Estamos em comunicação? Se não estamos, lamento, porque, assim, não podemos avançar.

Em geral, somos fisicamente insensíveis, porque comemos demais, fumamos em excesso e abusamos dos prazeres dos sentidos. Não estou a dizer que «não devemos fazer isso»

mas, dessa maneira a mente torna-se embotada e, quando a mente se embota, o corpo torna-se mais embotado ainda. Por este padrão é que estamos a viver. Como sabemos, é muito difícil alterar um regime alimentar. Estamos habituados a certos alimentos e paladares; temos constante necessidade deles e, se não os obtemos, sentimos medo de adoecer, etc. O hábito físico produz insensibilidade. Obviamente, o hábito de tomar uma certa droga, o hábito de fumar, de beber, torna, inevitavelmente, o corpo insensível, prejudicando a mente, que é a totalidade da percepção com que se precisa de ver claramente, livre de todo o conflito. Conflito não é apenas desperdício de energia, mas também torna a mente embotada, pesada, estúpida. Escravizada como está ao hábito, essa mente é insensível. Em razão dessa insensibilidade, desse embotamento, ela receia aceitar o que é novo (não uma nova ideia ou ideologia ou uma nova fórmula — o que seria o cúmulo da insensatez). Percebendo que esse processo de viver em função do hábito gera insensibilidade e torna a mente incapaz de pronta percepção, rápida compreensão, rápida movimentação, começamos a compreender o medo, tal qual é, vemos que ele é produto do pensamento e perguntamos, então, se se pode olhar alguma coisa sem que o mecanismo do pensamento comece a funcionar. Não sei se alguma vez olhastes alguma coisa sem o mecanismo do pensamento. Isso não significa ficar «sonhando acordado», não significa pôr-se num estado vago, numa espécie de torpor; pelo contrário, significa que se está vendo toda a estrutura do pensamento — desse pensamento que tem um certo valor num certo nível, e nenhum valor tem noutro nível... Olhar o medo, olhar a árvore, olhar a mulher ou os amigos, olhar com olhos completamente incontaminados pelo pensamento... se o fizerdes, vereis que o medo não tem nenhuma realidade, que ele é produto do pensamento e, como todos os produtos do pensamento — exceptuados os «produtos» práticos, tecnológicos — nenhuma validade tem.

Assim, olhando-se o medo e dando-se-lhe liberdade, ele acaba. É de esperar que ouvindo com toda a atenção o que aqui se está a dizer, nesta manhã — não as palavras ou argumentos e a sua sequência lógica ou ilógica, mas ouvindo real-

mente — se possa ver a verdade. E, se se vir a verdade do que se está dizendo, ao sair daqui estar-se-á livre do medo.

Como sabemos, todo o mundo vive atormentado pelo medo. Este é um dos mais monstruosos problemas que cada um de nós tem de resolver... O medo de sermos «descobertos», de nos trairmos a nós mesmos, de que seja divulgada alguma coisa que dissemos há anos... esse medo põe-nos nervosos, faz-nos mentir. É necessário compreender a extraordinária natureza do medo e que viver com medo é viver na escuridão. Ele é uma coisa terrível. Estamos conscientes da sua existência e não sabemos o que fazer com ele — o medo da vida, o medo da morte, o medo dos sonhos. Quanto aos sonhos, sempre se admitiu como coisa normal, como um hábito, como coisa inevitável, sonhar, dizendo certos psicólogos que, se não sonhamos, enlouquecemos. Isto é, dizem eles ser impossível não sonhar nada. Entretanto, nunca perguntamos: «Porque sonhanhos? Que significação têm os sonhos?» O importante não é saber o que são os sonhos e como podem ser interpretados (o que, com efeito, é uma coisa complicadíssima e de ínfima importância). Seremos, então, capazes de descobrir se é possível não sonharmos, para que possamos dormir plenamente, ter um perfeito repouso e, na manhã seguinte, despertar com a mente renovada? Digo que é possível.

Como já dissemos, só descobrimos o que é possível quando transcendemos o «impossível». Porque sonhamos? Sonhamos porque — não vamos empregar termos técnicos, nenhuma terminologia especial, mas palavras comuns — sonhamos porque, durante o dia, a mente está ocupada com as tarefas diárias — ir para o escritório ou a fábrica, para a cozinha, lavar pratos, etc. Quer dizer, estamos ocupados, superficialmente. A consciência mais profunda está desperta, mas nada pode transmitir à mente consciente, porque esta está superficialmente ocupada. Isto é simples. Quando dormimos, a mente superficial está mais ou menos quieta, não quieta de todo, pois continua a ocupar-se com o emprego, com o que dissemos a nossa mulher, com as «implicâncias» dela, enfim, com os seus temores; todavia, está relativamente quieta. Nessa relativa quietude, o inconsciente projecta sugestões de

suas próprias necessidades, suas próprias ânsias, seus próprios receios. A mente superficial traduz, essas sugestões, em sonhos. Já fizestes alguma experiência a esse respeito? Interpretar sonhos ou dizer que é necessário sonhar, é coisa sem importância; mas tentemos descobrir se é possível não sonhar nada. Só é possível se durante o dia nos apercebermos de cada movimento do pensamento, conscientes dos nossos «motivos», da nossa maneira de andar, de falar, do que dizemos, de porque fumamos, do significado do nosso trabalho, atentos à beleza dos montes, das núvens, das árvores, da lama na estrada, atentos às nossas relações com outrem. Fiquemos atentos sem nenhuma escolha — observando, observando sempre. Apercebamo-nos que, nesse observar, há também desatenção. Se fizermos isso durante o dia, a mente tornar-se-á intensamente penetrante, vigilante, não apenas a mente superficial, mas a consciência inteira, a sua totalidade, porquanto nenhum pensamento secreto escapa à sua atenção, nenhum recesso da mente fica por explorar. Então, quando dormimos, a mente está extremamente quieta, não há sonhos, e uma actividade inteiramente diferente se verifica. A mente que, no decurso do dia, viveu com «intensidade» — atenta às suas palavras e, se comete um erro, apercebendo-se desse erro, sem dizer «não devo errar» ou «preciso lutar contra este erro» — essa mente desperta a consciência inteira, e quando adormece já deitou fora todas as velharias de ontem.

O medo (estou a fazer-vos dormir?), o medo não é um problema insolúvel. Havendo compreensão do medo, há compreensão de todos os problemas com ele relacionados. Se não há medo, há liberdade. E, quando há essa completa liberdade e independência interior, psicológica, a mente está livre de todo e qualquer hábito. O amor não é um hábito. O amor não é cultivável, e os hábitos podem ser cultivados. Mas, para a maioria de nós, o amor é uma coisa que se acha tão distante, que nunca lhe conhecemos a beleza, não lhe conhecemos sequer a qualidade. Para se encontrar o amor, necessita-se de liberdade. Quando a mente está inteiramente em silêncio, em plena liberdade, surge então o «impossível» — o amor.

In «A Libertação dos Condicionamentos», editado pela Instituição Cultural Krishnamurti — Rio de Janeiro — Brasil.

COOPERAÇÃO

(Carta de Roma, dirigida às Escolas Krishnamurti, em 1968)

Cooperação e agressão não podem andar juntas. A cooperação é uma necessidade absoluta neste mundo tão estilhaçado pelas crenças religiosas e nacionalistas, pelas desigualdades económicas e por um desenvolvimento intelectual de extremos opostos. Existe uma certa cooperação em qualquer relação muito próxima, tal como numa família, mas, para além disso, há sempre divergências de opinião, de tendências ou de conhecimentos. Essas divergências intensificam-se ainda mais quando são acompanhadas de ambição e de avidez o que, obviamente, impede a cooperação.

Tradicionalmente, «cooperação» significa, muitas vezes, trabalhar juntos por uma ideologia ou em redor de qualquer individualidade dominante, em nome de qualquer utopia; mas tal entreajuda cessa ou desintegra-se quando esse indivíduo, ou ideologia, desaparece. É este o padrão que o ser humano tem seguido, na esperança de criar uma condição diferente para o mundo, ou para proveito de si próprio.

Trabalhar em conjunto para um objectivo, com cada um a ter o seu próprio motivo para se conseguir esse fim, com certeza que levanta conflitos. Tal «entreajuda» é um «conceito» e não uma necessidade real.

A cooperação deixa de ser uma fórmula quando há não só a compreensão da sua necessidade mas também aquele *relacionamento* que vem com o amor. Tal relacionamento é destruído quando há agressão. O homem, por natureza, é agressivo, e este facto vem da sua natureza animal. Essa agressividade é estimulada na família, na «educação» no mundo dos negócios e nas estruturas «religiosas».

A agressão toma a forma de ambição, sendo então, apoiada e respeitada. Agressão é violência, e, para contrariar essa violência que é tão vasta neste mundo, têm-se desenvolvido várias ideologias; mas isso só tem contribuído para se continuar a não enfrentar o facto real da violência. Esta não está apenas presente nos campos de batalha mas também na

cólera, no ódio e na inveja. É esta que nos torna competitivos, coisa que é altamente respeitada na sociedade — numa sociedade cuja estrutura está baseada na violência.

A maioria de nós consegue ver a razão de tudo isso — pelo menos intelectualmente — mas aquilo que nos faz *agir* não é a mera apreensão intelectual mas sim a *percepção* da própria verdade dos factos. A percepção da verdade é o único factor libertador — e não os argumentos intelectuais nem os ajustamentos emocionais ou as meras racionalizações. *Ver é agir,* e esta acção não é produto das ideias.

A cooperação deve existir, mas ela torna-se impossível se cada um está em competição com os outros e a procurar a sua realização pessoal. Para que haja autêntica entreajuda não pode haver luta pelo sucesso individual, familiar ou nacional porque essas atitudes acentuam a separação e impossibilitam a cooperação.

Quando se tem uma compreensão de tudo isto, não como uma ideia descritiva, mas como um *perigo* para o bem-estar total do ser humano, então, essa mesma *compreensão* gera uma acção não-agressiva e, desse modo, cooperante.

Compreender é amar, e um homem que ama está num estado de cooperação e, portanto, ele sabe o que é cooperar, e sabe, também, quando *não deve* cooperar.

Na plenitude da cooperação, a bondade — que não é sentimentalismo — poderá desabrochar. É o autoritarismo que destrói a cooperação; ele nunca poderá existir onde há amor. Vivemos tanto tempo através de padrões geralmente aceites que a nossa vida se tornou tradicionalista — e a liberdade, o amor e a cooperação perderam o seu mais profundo significado. A verdadeira educação tem de quebrar esses padrões, e nisso reside o percebimento da verdade do *novo.*

(*In* Bul. 36, Krishnamurti Foundation, Londres).

A COMPREENSÃO DO PRAZER

Dissemos que a alegria era uma coisa inteiramente diferente do prazer; vejamos portanto o que está implicado no prazer e se é possível viver-se num mundo em que em vez de prazer, exista um extraordinário estado de alegria, de verdadeira benção.

Estamos, todos nós, empenhados na busca do prazer, nesta ou naquela forma: prazer intelectual, cultural ou dos sentidos; o prazer de «reformar», de dizer aos outros o que devem fazer, de atenuar os males da sociedade, de fazer o bem; o prazer de ter conhecimentos mais vastos, maior satisfação física, mais experiências, mais compreensão da vida, de possuir todas as qualidades engenhosas e subtis da mente; e, naturalmente, o prazer supremo: «possuir» Deus.

O prazer é a estrutura da sociedade. Da infância à morte, secreta ou abertamente, buscamos o prazer. Assim, qualquer que seja a nossa forma de prazer, acho que devemos vê-la muito claramente, porque será ela que irá guiar e moldar a nossa vida. Portanto, o importante é que cada um de nós investigue com muita atenção, «hesitantemente», e com grande delicadeza, a questão do prazer, porque encontrar o prazer e depois alimentá-lo e mantê-lo, constitui para as pessoas uma necessidade básica da vida e sem ele a existência torna-se-lhes monótona, pesada, ensombrada pela solidão e sem nenhum significado.

Perguntareis: «Então por que razão não deve a vida ser guiada pelo prazer?» — Pela razão muito simples que o prazer traz necessariamente a dor, a frustração, o sofrimento, o medo, e, como resultado do medo, a violência. Se desejais viver dessa maneira, vivei; aliás, é o que faz a maioria. Mas se desejais livrar-vos do sofrimento, deveis compreender a inteira estrutura do prazer.

Compreender o prazer não significa negá-lo. Não o estamos a condenar ou a dizer que é «bom» ou «mau», mas se o procuramos, façamo-lo de olhos abertos, sabendo que a mente que está sempre a buscar o prazer encontrará inevitavel-

mente a sua sombra — a dor. As duas coisas não podem ser separadas, embora busquemos o prazer e procuremos evitar a dor.

Ora, porque é que a mente está sempre a exigir prazer? Porque razão fazemos coisas nobres e ignóbeis sempre com esse desejo secreto de prazer? Porque nos sacrificamos e sofremos, sempre pendentes desse ténue fio de prazer? Que é o prazer e como nasce? Não sei se alguns de vós já fizeram a si próprios essas perguntas e foram até à última consequência das respostas.

O prazer surge em quatro fases: perceber, sentir, contactar e desejar. Vejo um belo automóvel, por exemplo; sinto em seguida uma reacção; depois toco-o com as mãos ou imagino tocá-lo; e vem então o desejo de possuir o carro e mostrar-me com ele. Ou vejo uma bela nuvem, uma montanha claramente delineada contra o céu, uma folha que acaba de brotar na primavera, um vale profundo, cheio de encanto e esplendor, um glorioso pôr-do-sol, um belo rosto, inteligente, vivo (e *não* consciente da sua beleza e, portanto, já sem beleza). Olho essas coisas com intenso agrado e, enquanto as observo, não há observador, mas apenas beleza pura, como a do amor. Por um momento estou ausente de todos os meus problemas, ansiedades e aflições; só existe aquela coisa maravilhosa. Posso olhá-la com alegria e no próximo momento esquecê-la, ou, então, a mente interfere — e aí começa o problema: a mente pensa naquilo que viu e na sua beleza; digo para mim que gostaria de tornar a vê-lo muitas vezes. O pensamento começa a comparar, a julgar, a dizer: «Quero repetir isso amanhã». A continuidade de uma experiência que por um segundo proporcionou agrado é mantida pelo pensamento.

O mesmo sucede em relação ao desejo sexual ou outro. Não há nada de mau no desejo. Reagir é perfeitamente normal. Se me pico com um alfinete, reajo, a não ser que esteja paralisado. Mas, o pensamento interfere, fica a ruminar aquele agrado e converte-o em prazer. O pensamento deseja repetir a experiência e, quanto mais repetida, tanto mais mecânica ela se torna; quanto mais pensamos nela, tanto mais força o

pensamento confere ao prazer. Desse modo, o pensamento cria e mantém o prazer através do desejo, dá-lhe continuidade; por conseguinte, a reacção natural do desejo, ante uma coisa bela, é pervertida pelo pensamento. O pensamento converte-a em memória, que é então alimentada pelo pensar repetidamente nisso.

Naturalmente, a memória tem o seu lugar próprio, num certo nível. Sem ela, não teríamos possibilidade de actuar na vida de cada dia. Na sua esfera própria, a memória tem de ser *eficiente,* mas há um estado da mente onde há muito pouco lugar para ela. A mente que não é paralisada pela memória tem verdadeira liberdade.

Já notastes que, quando reagis a uma dada coisa totalmente, com todo o coração, quase não fica memória? Só quando não respondeis a um desafio com todo o vosso ser é que se apresenta o conflito, a luta, que acarreta confusão e também prazer ou dor. A luta gera memória. Essa memória é continuamente acrescentada por outras memórias, e são todas essas memórias que reagem. Tudo o que é resultado da memória é velho e, por conseguinte, nunca é livre. Por isso é que a «liberdade de pensamento» não existe; é puro contra-senso.

O pensamento nunca é novo, porque o pensamento é a resposta da memória, da experiência, do conhecimento. O pensamento, que é velho, torna também velho aquilo que olhamos com agrado e que por um momento sentimos profundamente. O prazer vem do velho; nunca do novo. No novo não existe tempo.

Assim, se podermos olhar todas as coisas sem permitir a intrusão do prazer (olhar uma rosa, uma ave, a cor de um sari, a beleza de uma extensão de água brilhando ao sol, ou qualquer coisa agradável) se pudermos olhar assim, sem desejarmos que a experiência se repita, então não haverá dor nem medo e, por conseguinte, alegria infinita.

É a luta para repetir e perpetuar o prazer que o converte em dor. Observai isso em vós mesmos. A própria exigência da repetição do prazer produz dor, porque ele nunca é a mesma coisa de ontem. Lutamos para alcançar a mesma alegria não

só para o nosso sentido estético, mas também para a mente, e ficamos magoados e desapontados, porque ela nos é negada.

Já observastes o que acontece quando vos é negado um pequeno prazer? Quando não temos o que desejamos, tornamo-nos ansiosos, invejosos, rancorosos. Já notastes que quando vos é negado o prazer de fumar ou de beber, o prazer sexual ou outro qualquer — já notases a luta que tendes? E tudo isso é uma forma de medo, não é verdade? Temos medo de não obter o que desejamos ou de perder o que possuimos. Quando uma dada fé ou ideologia que cultivamos há muitos anos é abalada ou nos é arrebatada pela lógica da vida, não temos medo de nos vermos sós? Essa crença proporcionou-nos durante anos satisfação e prazer, e quando nos é retirada ficamos desorientados, vazios, e o medo perdura até acharmos outras formas de prazer, uma outra crença.

Isso parece-me muito simples, e, por ser tão simples, não queremos ver a sua simplicidade. Gostamos de complicar tudo. Se a nossa mulher nos abandona, não sentimos ciúme? Não sentimos raiva? Não odiamos o homem que a atraiu? E que é tudo isso senão o medo de perder o que nos dava muito prazer, de perder essa companhia, perder aquela segurança e satisfação da posse?

Assim, se compreendermos que quando se busca o prazer tem de haver dor, poderemos, se quisermos, viver dessa maneira, mas com plena consciência disso. Se, entretanto, desejamos pôr fim ao prazer, o que significa pôr fim à dor, devemos estar completamente atentos à estrutura total do prazer; mas não devemos repeli-lo, como fazem os monges e os *sanyasis* que não olham para uma mulher porque pensam que é pecado e, dessa maneira, destroem a vitalidade da sua compreensão; o que é importante é *ver* todo o sentido e significado do prazer. Encontraremos então infinita alegria na vida. Não se pode «pensar» na alegria. A alegria é imediata e se nela pensamos transformamo-la em prazer. Viver no presente é a percepção imediata da beleza e da grande alegria que nela se encontra, sem dela procurar extrair prazer.

In «Liberte-se do passado», Editora Cultrix, 5ª ed.
(Título original *Freedom from the Known*, Ed. Gollancz, Londres, 5ª ed.).

LIBERDADE E RELIGIÃO

Para muita gente, a religião é provavelmente uma espécie de «entretenimento». Há velhos que recorrem à «religião», e o mesmo fazem pessoas um pouco neuróticas. Com a palavra «religião», refiro-me não só às igrejas organizadas, com toda a segurança interior que oferecem, mas também às variadas formas de crença, dogma, ritual a que aderem tantas pessoas. A religião, para a maioria das pessoas, não é uma coisa séria. Na Rússia, o governo está actualmente a permitir a religião organizada, porque, politicamente, ela não tem muita importância; não contém o germe da revolta, não é um centro revolucionário e, portanto, deixam-na existir.

E qual será a importância que tem a religião na vida de cada um de nós, aqui presentes? Por *religião* estou agora a referir-me a algo inteiramente diferente, algo tão importante, se não muito mais importante do que ganhar o próprio sustento. Para mim, religião é algo a que damos todo o nosso coração e mente e corpo — tudo o que temos. Não é uma espécie de passatempo, ou coisa a que recorremos quando já somos velhos, porque já não temos mais nada que fazer; é algo que se torna «devastadoramente» importante, extremamente necessário, como verdadeiro modo de estar na vida, do despertar ao adormecer, de tal maneira que cada pensamento, cada acto, cada movimento do nosso sentir é observado, considerado, ponderado. *A religião,* para mim, *abarca a totalidade da vida.* Não é uma coisa reservada aos especialistas, aos «ricos» ou aos «pobres», à «elite» ou ao intelectual. É como o pão, algo de que se tem necessidade. E não sei quantos de nós a levam a sério — o que não significa ser intolerante, fanático, inacessível, sectário, ou uma pessoa «excepcional». A religião não exige conhecimento ou crença, mas sim uma extraordinária inteligência e, também liberdade; o homem religioso necessita de liberdade, liberdade *completa.*

Embora falemos de liberdade, a maioria de nós não deseja ser livre. Não sei se já observaram este facto. No mundo moderno — em que a sociedade está altamente organizada, onde se observa progresso e mais progresso, onde a produ-

ção se tornou tão vasta e tão fácil — o indivíduo torna-se escravo das coisas, e nelas encontra a sua segurança física e emocional. Por conseguinte, realmente não desejamos ser livres. Por liberdade entendo *liberdade total,* e não liberdade numa certa direcção; e penso que devemos exigi-la, com firmeza, de nós mesmos.

Liberdade é diferente de revolta. Toda a revolta é contra alguma coisa; o indivíduo revolta-se «contra» algo e é «a favor» de algo. Revolta é reacção, mas a liberdade não o é. No estado de liberdade, não se está livre *de* alguma coisa. Quando se está livre *de* alguma coisa, está-se, com efeito, em revolta *contra* essa coisa; e portanto, não se é livre. Liberdade não significa «estar livre *de* alguma coisa»: a mente, em si mesma, é que é *livre.* É um sentimento extraordinário: a mente ser livre *em si mesma,* conhecer a liberdade pela própria liberdade.

Ora, se o indivíduo não é livre, não vejo como possa ser criador. Não estou a empregar a palavra «criador» no sentido estreito de «homem que pinta quadros, escreve poesias ou inventa máquinas». Tais indivíduos, para mim, não são realmente criadores. Poderão ter inspiração momentânea; mas, *criação* é uma coisa diferente. Só pode haver criação quando há liberdade total. Nesse estado de liberdade, há plenitude, e, então, escrever uma poesia, pintar um quadro, ou esculpir uma pedra, tem um sentido completamente diferente. Já não é uma mera expressão da personalidade, nem o resultado de uma frustração, nem a busca de compradores; é uma coisa absolutamente diferente; acho que devemos exigir o nosso direito de conhecer esta liberdade, não apenas em nós mesmos, mas também no exterior; vou tratar disto, por alguns instantes, nesta manhã.

Em primeiro lugar, acho que devemos distinguir entre liberdade, por um lado, e revolta ou revolução, por outro. Revolta ou revolução são, essencialmente, reacção. Há a revolta da «extrema-esquerda» contra o capitalismo, e a revolta contra o predomínio da Igreja; há também a revolta contra o Estado policial, contra o poder da tirania organizada — mas, hoje em dia tal revolta não compensa, pois, muito calmamente, «eles» vos liquidam, se desembaraçam de vós.

A liberdade para mim é uma coisa inteiramente diferente. Liberdade *não* é reacção, mas sim esse estado mental que se gera quando compreendemos a reacção. Reacção é «resposta a um desafio», é prazer, cólera, medo, dor psicológica; e, na *compreensão* dessa tão complexa estrutura da reacção, encontraremos a liberdade. Veremos, então, que liberdade não é estar livre *da* cólera, *da* autoridade, etc. Ela é um estado *per se*, que devemos experimentar por ele mesmo e não por estarmos «contra» alguma coisa.

De modo geral, estamos interessados na nossa própria segurança. Precisamos de companhia e esperamos encontrar a felicidade numa dada relação; queremos ser famosos, criar, expressar-nos, expandir-nos, realizar-nos; queremos poder, posição, prestígio. Em grau maior ou menor, é isso o que interessa à maioria de nós; e liberdade, Deus, verdade, amor, tornam-se coisas que se procuram «depois». Assim, como disse, a nossa religião é uma coisa superficial, uma espécie de entretenimento sem muita importância na nossa vida. Satisfazemo-nos com trivialidades e, por esta razão, não há a atenção, o percebimento necessário para se compreender esse complexo processo que se chama *viver*. A nossa existência é uma luta constante, um esforço vão, interminável — com que fim? Ela é uma gaiola em que estamos aprisionados, gaiola que construimos com as nossas reacções, os nossos medos, desesperos, ansiedades. Todo o nosso pensar é uma reacção; deveis lembrar-vos de que examinámos esta questão há dias, quando foi feita a pergunta: «Qual a verdadeira função do pensamento?» Examinámo-la, muito atentamente, e descobrimos que todo o nosso pensar é reacção, «resposta» da memória. Toda a estrutura da nossa consciência, do nosso pensamento, é o resíduo, o reservatório das nossas reacções. O pensamento, evidentemente, nunca poderá produzir liberdade, porque a liberdade não resulta de uma reacção. Liberdade não é nem a rejeição das coisas que nos causam dor, nem o afastamento das coisas que nos dão prazer e das quais nos tornamos escravos.

Por favor, como disse no outro dia, não aceiteis nada do que está dizendo este «orador». *Olhai-o* sem o aceitar nem re-

jeitar, mas procurando *perceber o facto, pela observação de vós mesmos.*

A consciência constitui toda a esfera do nosso pensamento, todo o campo das ideias e do processo gerador de ideias. O pensamento organizado torna-se a «ideia» da qual resulta a acção; e a consciência é formada de muitas camadas de pensamento, ocultas e patentes, conscientes e inconscientes. É a esfera do *conhecido,* da tradição, da memória, do que *foi.* É o que temos aprendido, é o *passado* em relação ao presente. O passado transmitido através dos séculos, o passado da raça, da nação, da comunidade, da família; os símbolos, as palavras, as experiências, o choque dos desejos contraditórios; as inumeráveis lutas, prazeres e dores; as coisas que aprendemos dos nossos antepassados e as modernas tecnologias que se lhes acrescentaram — *tudo isso* constitui a consciência, é o campo do pensamento, o campo do conhecido, e nós vivemos na superfície desse campo. Somos exercitados desde a infância para adquirir conhecimentos, para competir; aprendemos uma técnica, especializamo-nos numa certa direcção, a fim de termos um emprego e ganhar a vida. Nisso consiste toda a nossa «educação», de modo que continuamos a viver à superfície; e, abaixo da superfície, está o passado imenso, o tempo incalculável. Tudo isso constitui o *conhecido.* Embora não estejamos conscientes do inconsciente, ele está, contudo, no campo do conhecido.

Tenham a bondade de ir acompanhando isto, *observando-vos ao mesmo tempo,* observando a vossa própria consciência. Quanto mais sensíveis, quanto mais vigilantes formos, tanto melhor perceberemos o conflito existente entre o consciente e o inconsciente. Se esse conflito exige acção e não encontramos um modo de agir, tornamo-nos neuróticos ou vamos parar a um hospital psiquiátrico; e por isso inúmeros psicólogos e psiquiatras procuram lançar uma ponte sobre esse abismo, e resolver o conflito.

O inconsciente, embora esta palavra sugira algo oculto, de que não temos percepção, faz também parte do *conhecido;* ele é o passado. Podemos desconhecer todo o conteúdo do inconsciente, podemos não o ter examinado, observado, mas

provavelmente temos sonhos, comunicações vindas daquela vasta região subterrânea da mente. Ela existe, e é o *conhecido,* porque é o passado. Nela nada existe de novo; e devemos compreender por nós mesmos o que se encerra neste estado que não é novo, já que *inocência* é independência em relação ao conhecido.

Este é um dos problemas mais importantes da vida moderna, porque somos «educados», exercitados, condicionados para permanecer na esfera do conhecido, na qual existe ansiedade, desespero, sofrimento, confusão, dor. Só os *inocentes* podem ser criadores, são capazes de criar algo de *novo,* e não apenas de produzir mecanicamente um quadro, um poema, ou o que quer que seja. O inconsciente faz parte do conhecido, e a maioria de nós permanece na superfície do conhecido, e é esse o caminho que seguimos na vida. Dirigimo-nos todos os dias para o escritório, com a sua rotina e o seu tédio; tememos perder o nosso emprego; sujeitamo-nos às exigências, pressões, tensões da vida moderna; somos solicitados por apetites sexuais e outros. Tal é o nível em que vivemos. Desse nível, queremos achar algo muito mais profundo, porque não estamos satisfeitos com ele e assim voltamo-nos para a música, pintura, arte, deuses, religiões. Quando tudo isso falha, passamos a adorar o Estado, como se fosse a maravilha suprema, ou a praticar acções no campo social — sabeis com quantas falácias gostamos de entreter-nos, quantas novidades inventamos, inclusive foguetões para irmos à Lua. E quando nos vemos insatisfeitos com tudo isso, voltamo-nos «para dentro»; ou, se somos muito intelectuais, analisamos, desmantelamos tudo, mas temos talvez o «nosso» Jesus, o «nosso» Cristo particular. É assim a nossa vida.

Ora, a única liberdade verdadeira é a que consiste em estar liberto do conhecido. Acompanhai-me por um instante. É estar livre do passado. *O conhecido tem o seu lugar próprio,* é claro. Preciso de conhecer certas coisas, para que possa «funcionar» na vida de cada dia. Se eu não soubesse onde moro, perder-me-ia. E há o saber acumulado pelas ciências, pela medicina e pelas tecnologias, o qual se vai acrescentando constantemente. Tudo isso está contido no campo do conhecido e tem o seu lugar próprio. Mas o conhecido é sempre mecânico.

Todas as experiências que tivemos, seja no passado remoto, seja apenas de ontem, estão no campo do conhecido, e daí, desse fundo, reconhecemos toda a experiência que vier depois. No campo do conhecido, há sempre apego, com os naturais medos e desesperos, e a mente aprisionada nesse campo, por mais extenso e amplo que seja, não é livre. Poderá escrever livros muito engenhosos, poderá saber como se vai à Lua, poderá inventar as mais maravilhosas e complicadas máquinas — se tiveram ocasião de ver algumas dessas máquinas, saberão que são realmente maravilhosas — mas essa mente está ainda aprisionada na esfera do conhecido.

A consciência é um produto do tempo; o pensamento está alicerçado no tempo, o que o pensamento produz está sempre sujeito ao tempo. Assim, o homem que deseja livrar-se do sofrimento, precisará livrar-se do conhecido — o que significa que precisará de compreender toda essa estrutura da consciência. E poderemos compreendê-la por meio da análise, que é também um «processo» do pensamento? Que significa *compreender?* Qual é o estado da mente que *compreende?* Estou a falar sobre o *compreender* e não sobre aquilo que se compreende. Entendeis o que quero dizer? Estou a investigar o estado da mente que diz «compreendo». A *compreensão* será resultado do pensamento e da dedução? Examinamos uma coisa criticamente, sã e logicamente e dizemos *depois* «compreendo-a»? Ou *a compreensão* é uma coisa totalmente diferente?

No outro dia, quando aquele senhor perguntou «Qual a verdadeira função do pensamento?» — devem lembrar-se de que falámos sobre a «resposta» da mente ao «desafio». Quando a pergunta nos é familiar, a resposta é imediata. Quando é um pouco mais complicada, ou obscura, a resposta leva tempo, pois nesta demora estamos a pensar, a rebuscar na memória, para depois respondermos, tal como os computadores, por associação. Uma pergunta mais complicada requer demora maior ainda. Ora, estas três «respostas», que naquele dia chamámos (a), (b) e (c), constituem, todas, partes do «processo» do pensamento, e acham-se no campo do «conhecido». Dentro desse campo, pode produzir-se, pode inventar-se, po-

dem pintar-se quadros, fazer as coisas mais extraordinárias, até mesmo ir à Lua; nada disso, porém, é *criação.* Essa perene busca de grandes feitos e de expressão pessoal é absolutamente pueril, pelo menos para mim.

Ora, estar livre de tudo isso é estar livre do conhecido; é o estado da mente que diz: *Não sei* — e não está à procura de resposta. Essa mente está toda ela num estado de «não-procura», de «não-expectativa»; e só nesse estado se pode *compreender.* É o único estado em que a mente é livre e desse estado podemos olhar as coisas conhecidas — mas não vice-versa. Do conhecido não temos possibilidade de ver o *desconhecido;* mas, uma vez compreendido o estado da mente que é *livre,* ou seja a mente que diz «não sei» e permanece «não sabendo» e é, por conseguinte, *inocente* — então desse estado, podemos «funcionar», ser cidadão, homem casado, etc. Então, o que fazemos tem razão de ser, tem significação na vida. Mas nós permanecemos no campo do conhecido, com todos os seus conflitos, lutas, disputas, agonias, e, desse campo, queremos encontrar o *desconhecido.* Por conseguinte, não estamos verdadeiramente em busca da liberdade. O que queremos é a continuação, o prolongamento do que é sempre velho: o conhecido.

Assim, a meu ver, o importante é compreendermos por nós mesmos esse estado em que a mente está *liberta do conhecido,* porque só então ela pode descobrir, por si mesma, se há ou não uma *Imensidade.* Ficar apenas a funcionar no campo do conhecido — quer esse funcionamento se verifique «à esquerda», «à direita», ou «ao centro» — é puro materialismo, ou como preferirem chamá-lo. Aí, não há solução para nada, porque aí só há conflito, luta, competição sem fim, busca de uma segurança nunca encontrada. É isso o que interessa à maioria das pessoas, não é? Querem, em primeiro lugar, segurança para si próprios, para a sua família, segurança nos seus empregos, e «mais tarde», se lhes sobrar tempo e tiverem inclinação para isso, irão procurar outras coisas mais. Quando a crise se torna demasiado intensa, tratamos de procurar uma solução feliz, conveniente, e com ela ficamos satisfeitos. Não me estou a referir a esta espécie de busca. Refiro-me a algo

inteiramente *diferente.* Refiro-me à mente que compreendeu por inteiro a *função* do conhecido. E a mente não tem possibilidade de compreender esse campo tão extremamente complexo, se não se compreender a si mesma, a totalidade da sua consciência.

Ora, ninguém pode compreender-se a si mesmo por meio de «auto-exame», «introspecção», análise. Isto é bastante claro. Não há necessidade de me alongar a este respeito, ou há? A mente, de modo nenhum, se pode compreender a si mesma por meio da análise, porque, na análise, há separação entre o «analisador» e a «coisa analisada», e, por conseguinte, conflito crescente e contínuo. Toda a análise, todo o esforço de sondagem, pesquisa, parte do «centro», já condicionado, carregado das acumulações do tempo, que é o conhecido. Por mais que tente penetrar no inconsciente, o analista *faz sempre parte do conhecido.* Quando apreendemos a verdade desta afirmação, então — apesar de todos os analistas e psicólogos — veremos o conteúdo *total* do inconsciente e compreendê-lo-emos num relance. A compreensão só acontece num súbito clarão, e não no decurso do tempo, pela acumulação de conhecimentos livrescos, etc. Ou vemos uma coisa *imediatamente,* ou não a vemos mesmo. Os sonhos poderão dar indicações, símbolos, sugestões a respeito de algo, mas esse algo ainda é parte do conhecido; e a mente deve «esvaziar-se» totalmente do conhecido. Deve estar livre desse processo a que chamamos «pensar».

Se estais ouvindo pela primeira vez esta sugestão de que deveis libertar-vos do pensamento, talvez digais: «Pobre homem, perdeu o juízo!» Mas se escutastes realmente, não só desta vez, mas em todos os anos em que — alguns de vós — tendes lido a respeito deste assunto, sabereis que o que se está dizendo encerra uma força extraordinária, contém uma verdade penetrante. Só a mente que se «esvaziou» do conhecido, é criadora. Esse estado é *acção.* O que a mente cria então, não diz respeito a si própria. Esse estado liberto do conhecido, é o estado em que a mente se acha em criação. Como pode a mente nesse estado de criação estar interessada em si própria? Portanto, para podermos compreender aquele estado mental, temos de conhecer-nos a nós mesmos, observar o

processo do nosso próprio pensar — *observá-lo,* e não «alterá-lo» ou «modificá-lo»; observá-lo, simplesmente, assim como ver num espelho. Quando há liberdade, pode-se então *fazer uso do conhecimento, sem destruir a humanidade.* Mas quando não há liberdade e se faz uso do conhecimento, cria-se sofrimento para todos, não importa que isso aconteça na Rússia, na América, na China ou onde quer que seja. Chamo séria à mente que, consciente do conflito do conhecido, não está enredada nesse conhecido, tentando «modificá-lo», «melhorá-lo»; porque, por esse caminho, nunca terá fim o sofrimento.

E se dialogássemos agora um pouco?

PERGUNTA: Pode dizer alguma coisa sobre o problema do inconsciente? Como podemos estar conscientes do inconsciente? Como examiná-lo, como descobri-lo?

KRISHNAMURTI: Percebeis, todos vós, o problema? Não conheceis o inconsciente, não tendes percepção dele, por conseguinte como podereis estudá-lo? Como poderei — enredado que estou nas actividades diárias e nas rotinas da mente consciente — examinar o inconsciente?

Ora, vejamos o que já fizemos ao formular esta pergunta. Criámos uma contradição. Vou explicar o que quero dizer. Com que instrumentos iremos examinar o inconsciente? O único instrumento de que dispomos é a mente consciente, a mente «de todos os dias», aquela mente activa que vai para o escritório, que tem apetites sexuais e outros, que abriga medos; e com essa mente consciente vamos «examinar» o inconsciente. Mas isso é impossível; e, depois de verificarmos que é impossível, *que acontece?* Durante o chamado «sono», quando o cérebro se acha relativamente quieto, o inconsciente comunica certas coisas através de sonhos, de símbolos, e, depois, ao despertar, a mente consciente diz: «Sonhei e preciso de interpretar os meus sonhos». Por estar muito ocupada durante o dia, a mente consciente só tem possibilidade de descobrir o conteúdo do inconsciente por meio dos sonhos. Por essa razão, o psicanalista atribui aos sonhos desmedida importância. Mas, vejamos só as complicações que isso origina! Os sonhos requerem uma interpretação correcta, e para

dar a correcta interpretação, o analista deve conhecer o conjunto, o fundo, *(background)* da nossa consciência, *todo ele,* porque, de contrário, a sua interpretação será falsa. Essa interpretação poderá ser «freudiana» ou «yunguiana», ou reflectir as opiniões de outra autoridade qualquer, mas não será correcta; e isso é o que, em geral, acontece, visto que o analista não conhece todo o vosso *background* (todo o fundo ou conjunto da nossa consciência), nem pode conhecê-lo. E, se nós mesmos começamos a analisar o inconsciente, a anotar e a interpretar cada sonho, a nossa interpretação terá que ser, acima de tudo, livre do inconsciente. Estais a ver, pois, a dificuldade. Estou a examinar o problema «negativamente»; percebeis?

Isso a que chamais «o inconsciente» é-vos desconhecido — desconhecido, no sentido de que não estais familiarizados com ele, desconheceis o seu conteúdo. Até agora não sabeis o que ele é. Tem-se tentado compreendê-lo com uma mente que foi exercitada para acumular conhecimentos e com esses conhecimentos «observar». Mas, descobrimos agora que não é dessa maneira — isto é, por meio da análise — que se pode sondar o inconsciente. E, quando dizemos «A análise não é o caminho certo», que acontece à nossa mente? Entendeis? Não sei se isto está claro.

Quando dizemos, a respeito de alguma coisa: «Este não é o caminho certo», qual é o estado da nossa mente? Ela está, por certo, num estado de «negação». Ora, podemos permanecer nesse estado? É só no estado de «negação», no estado não afirmativo, que temos possibilidade de *observar;* assim, o importante é abeirar-nos «negativamente» daquilo que conhecemos. É assim que nascem as invenções, não é? Foi assim que se criaram os grandes foguetões. Mas é muito mais difícil aproximarmo-nos «negativamente» de um problema psicológico, porque estamos torturados, retidos no nosso próprio desequilíbrio emocional, e estamos ansiosos por encontrar uma saída para isso.

Assim, para desvendarmos o inconsciente, precisamos primeiramente de ver com toda a clareza, por nós mesmos, essa verdade, que só com uma mente «vazia» temos possibilida-

de de *observar* uma coisa que desconhecemos. Foi-nos recomendado analisar, mas a análise não é o verdadeiro caminho. Compreendida a futilidade da análise, não tratemos imediatamente de descobrir o que é o inconsciente; investiguemos antes, para descobrirmos qual é o estado da mente que diz: «A análise não é o verdadeiro caminho». Esse estado é o estado de «negação»; nele, a mente pode observar, porque não está então traduzindo, interpretando, julgando, mas apenas *observando.* Isso pode-se fazer em qualquer lugar — sentado num autocarro, no escritório, quando o patrão nos diz alguma coisa, quando falamos com a nossa mulher, com os filhos, com os vizinhos, quando estamos a ler o jornal. Com essa mente, pode ser observada cada uma das reacções do inconsciente; e, se o fizermos intensamente — não apenas ocasionalmente, dia sim, dia não — se estivermos extremamente acordados, veremos que não mais sonharemos. Que necessidade há de sonhos simbólicos, quando em cada minuto do dia o inconsciente nos está revelando as suas reacções, mostrando os seus condicionamentos, as suas «memórias», as suas ansiedades — quando tudo está sendo revelado, enquanto estamos a observar? A mente é então semelhante a uma tela em branco, na qual o inconsciente projecta o seu retrato, *de momento a momento;* de modo que, quando dormimos, o cérebro repousa. E ele necessita de repouso; porque esteve intensamente activo durante o dia, não só exercendo a sua ocupação, mas também observando. O cérebro torna-se assim, extremamente sensível — muito mais do que por meio da análise e da introspecção. A mente, o cérebro, que durante o sono se acha em repouso absoluto, renova-se. Tem a energia necessária para ir mais longe ainda — mas não vamos tratar disso agora.

Será que respondemos à pergunta? A *compreensão* do inconsciente verifica-se quando a mente se encontra num estado de «negação», num estado de «vazio»; quer dizer, quando está *observando, sem interpretar.*

PERGUNTA: *As intuições vêm do «desconhecido»?*

KRISHNAMURTI: Claro que não. Temos «intuições» acerca de tudo, não é verdade? Desejais realmente que eu respon-

da a esta pergunta? Será melhor, pois oiço muitos de vós a dizer «sim».

Porque desejais intuições ou inspirações? Quando estamos intensamente a observar-nos, a observar cada movimento do inconsciente, *sem* nenhuma escolha, desejamos ser inspirados, ter intuições? Intuições a respeito de quê? Só quando estamos todos envolvidos em auto-contradição, quando há tensão, rejeição, luta, desejamos um certo alívio, uma certa esperança, uma promessa de algo diferente. Mas tudo isso é tão infantil — o melhor é varrê-lo para longe.

PERGUNTA: *Emprega a palavra «mente» em muitos e diferentes sentidos.Que entende por «mente»?*

KRISHNAMURTI: Esta questão é muito séria. Decerto que há diferenças entre mente e cérebro. Devemos examinar esta questão de maneira hesitante, «experimental».

A mente é tudo, e também «nada». A mente abarca tudo, e ao mesmo tempo é «vazia». (Por favor, não concordeis, pois não sabeis ainda do que estou a falar). Ela *não* tem fronteiras e, por conseguinte, não é escrava do tempo.

A mente não tem nenhum horizonte, ou limite, para que se dirija, e, portanto, é completamente «vazia». Mas, há o cérebro, resultante do tempo; ele desenvolveu-se desde a simples célula à complexa entidade que é o ser humano. O cérebro é o resultado do tempo, mas a mente não é. Ele foi formado por milhares de experiências, com as suas cicatrizes, com as suas «memórias», conscientes e inconscientes. O cérebro é resultado de associações, das experiências de que nos lembramos — de experiências recentes e, também, daquelas maravilhosas experiências da infância. O cérebro é ainda o futuro, por ele próprio inventado, na sua passagem do passado, através do presente, em direcção ao futuro. Tudo isso faz parte do cérebro. E — de tanto o torturarmos, maltratarmos, «disciplinarmos», forçarmos, exercitarmos — o cérebro torna-se insensível, uma coisa morta, mecânica. Eis o que é o cérebro da maioria de nós — um simples mecanismo. Não é altamente sensível, penetrante, apaixonado, vivo; e, com esse cérebro mecânico, queremos compreender a mente. Toda a nossa literatura e todas as afirmações e estudos relativos à mente, provêm das lembranças do cérebro.

Assim, se examinarmos por nós mesmos esta questão, veremos que precisamos de um cérebro altamente sensível e capaz de raciocinar sãmente, um cérebro sadio e não neurótico, nem baseado em crenças e suposições (de «teólogos», «comunistas» ou outros), porque isso só serve para tornar o cérebro mecânico, embotado, pouco sensível, ainda que possa ser muito «hábil». Se examinardes bem, vereis que o cérebro pode tornar-se muito activo, *em todas as suas partes.* Mas só pode ser assim activo quando não está em conflito, quando não tem nenhum problema, quando não se encontra em desespero, nem está pensando em termos de «futuro»; quando está livre de ansiedades e problemas. O cérebro pode então ser muito sensível e activo, no verdadeiro sentido da palavra; e só esse cérebro pode encontrar-se com a mente que não tem limite, a mente que está completamente «vazia» e, a partir desse vazio, *funciona.*

(Conferência em Saanen, Suíça, em 11 de Julho de 1963).

In «Experimente Um Novo Caminho», Ed. Instituição Cultural Krishnamurti, Rio de Janeiro, Brasil.

(Título original *Talks by Krishnamurti in Europe 1963,* Verbatim Report, Saanen-Suíça).

VIVER SEM CONFLITO

Chovera abundantemente durante a noite e ao levantar--nos, de manhã cedo, sentíamos o aroma forte do sumagre, da salva e da terra húmida. Naquele sítio a terra era vermelha, e a terra vermelha dá a impressão de deitar mais cheiro que a terra castanha. A luz do Sol já banhava as montanhas revestidas dessa coloração avermelhada, e cada árvore e arbusto resplandecia depois de lavado pela chuva nocturna, e tudo parecia explodir de alegria. Havia já seis ou oito meses que não caía pinga de água, e com que alegria o chão agora se repas-

sava, e não apenas a terra mas também todas as coisas vivendo sobre ela — as árvores enormes, os altivos eucaliptos, as árvores da pimenta e os carvalhos. Os pássaros pareciam entoar novos cantos nessa manhã e, ao contemplarmos as colinas e as montanhas azuis e distantes, de certo modo perdíamo-nos nelas. Não existíamos, nem os que estavam à nossa volta. Apenas havia a beleza, a imensidade, a terra vasta e em expansão. Nessa manhã, dos montes que se estendiam por muitas milhas, vinha uma paz ao encontro da nossa própria tranquilidade. Era como a fusão entre a terra e os céus, e o êxtase que nos tomou era uma bênção.

Na tarde desse mesmo dia, ao caminharmos pelo vale em direcção aos montes, a terra vermelha estava encharcada e cedia sob os nossos pés, macia e cheia de promessas. Subimos por uma encosta íngreme durante algumas milhas e depois descemos a direito. Quando voltámos, surgiu-nos aquele silêncio total que já começara descendo sobre nós e, quando entrámos no vale profundo, ele tornou-se mais penetrante ainda, mais impetuoso e insistente. Não havia sinal algum de actividade mental, somente aquele silêncio. À medida que descíamos ele parecia cobrir a terra inteira, e era espantoso sentir como cada árvore e cada pássaro ficavam quietos. Nenhum sopro de vento passava pelas árvores e, com a chegada da escuridão, iam mergulhando por completo na sua solitude. Era estranho como durante o dia nos davam as boas-vindas e agora, com as suas formas fantásticas, estavam distantes, longínquas, imersas em si mesmas.

Três caçadores apareceram com poderosos arcos e flechas e lanternas eléctricas presas à cabeça. Andavam a caçar os pássaros nocturnos e pareciam totalmente impermeáveis à beleza e ao silêncio que os rodeava. A sua única intenção era matar, e todas as coisas pareciam observá-los, horrorizadas e cheias de piedade.

Um grupo de jovens tinha chegado pela manhã. Eram cerca de trinta estudantes, de diversas universidades. Tinham crescido nesse clima, eram fortes, bem constituídos, altos e entusiastas. Apenas um ou dois se sentaram em cadeiras, os outros ficaram no chão, com algumas raparigas sentadas

desconfortavelmente devido às suas mini-saias. Um dos rapazes falou, lábios hesitantes e cabeça baixa:

«Quero viver uma vida diferente. Não quero ser apanhado pelo sexo, pelas drogas e pela competição. Quero estar longe deste mundo e apesar disso estou prisioneiro dele. No dia seguinte a uma ligação sexual sinto-me extremamente deprimido. Sei que quero levar uma existência pacífica, com amor no coração, mas a todo o momento sou acossado pelos meus desejos e pelas influências da sociedade em que vivo. Obedeço a esses desejos e, por outro lado, revolto-me contra eles. Quero viver no alto da montanha, mas estou sempre a descer ao vale, porque a minha vida é aí. Não sei o que hei-de fazer. Aborreço-me com tudo. Os meus pais não podem ajudar-me, nem os professores, com quem tento algumas vezes discutir estes assuntos. Eles estão tão confusos e limitados como eu, talvez até mais, porque são muito mais velhos».

O que é importante é não chegar a qualquer conclusão ou decisão pró ou contra o sexo, não se deixar prender por conceitos nem por ideologias. Vamos observar o retrato completo da nossa existência. O monge faz voto de castidade porque pensa que para ganhar o seu céu tem que evitar o contacto físico com uma mulher; mas, pela vida fora, está sempre em luta contra os seus apetites sensuais; está em conflito com o céu e a terra, e assim vai vivendo os seus dias na escuridão, procurando a luz. Cada um de nós é apanhado nesta batalha ideológica, assim como o monge ardendo em desejos e tentando, ao mesmo tempo, suprimi-los porque há a promessa de ganhar o céu. Temos um corpo físico e ele tem as suas necessidades próprias. Estas são estimuladas e manipuladas pela sociedade em que vivemos, pelos anúncios, pelas mulheres semi-nuas, pela insistência no prazer, nas distracções e nos divertimentos, e pela «moralidade» da sociedade, da ordem social, que é desordem e imoralidade. Somos fisicamente estimulados — mais alimentos com novos paladares, bebidas, televisão. Toda a existência moderna chama a atenção para o sexo. Somos estimulados de todos os modos — pelos livros, pelas conversas e por uma sociedade extremamente permissiva. Tudo isto nos cerca; não se consegue nada pelo fechar os olhos a este estado de coisas. Tem que se perceber a tota-

lidade deste modo de viver, com as suas crenças e divisionismos absurdos e toda a falta de sentido de uma vida passada dentro de um escritório ou de uma fábrica. E no fim de tudo isso há a morte. Temos de ver claramente toda esta confusão.

Agora olhemos por essa janela e contemplemos aquelas esplêndidas montanhas, lavadas de fresco pela chuva que caiu de noite, e também essa extraordinária luz da Califórnia, que não existe em mais parte nenhuma. Vejamos a beleza da luz sobre as colinas. Pode-se cheirar o ar purificado e o aroma novo da terra. Quanto mais atentos estivermos a isto, mais sensíveis ficaremos a toda esta imensa e incrível luz, a toda esta beleza, mais estaremos com tudo isto — mais intensa será a nossa percepção. Tudo isto é também dos sentidos, tal como ver uma rapariga. Não podemos responder com os sentidos àquela montanha, e depois suprimi-los quando vemos a rapariga. Dessa maneira divide-se a vida, e nessa divisão há dor e conflito. Quando separamos o vale do cimo da montanha estamos em conflito. O que não quer dizer que nos percamos no impulso sexual ou noutro qualquer apetite, de tal modo que voltemos as costas ao conflito, que o evitemos ou que lhe fujamos. *Compreender* o conflito não significa vegetar ou tornar-se bovino.

Compreender tudo isto é não ficar aprisionado, é não ficar dependente. Significa nunca excluir seja o que for, nunca formar conclusões, ideologias ou princípios de acordo com os quais se tenta viver. A própria percepção de todo este «mapa» que está a ser desenrolado é já inteligência. É esta inteligência que irá *agir* e não uma conclusão, uma decisão ou um princípio ideológico.

O nosso corpo torna-se insensível, assim como a mente e o coração, devido à nossa «educação», ao nosso conformismo com o padrão que a sociedade estabelece e que apaga toda a sensibilidade interior. Ela manda-nos para a guerra, destruindo assim toda a nossa beleza, ternura e alegria. A observação de tudo isto, não verbalmente ou intelectualmente, mas de facto, torna o corpo e a mente altamente sensíveis. Então, o corpo pedirá o alimento correcto; a mente não mais ficará prisioneira das palavras, dos símbolos, das trivialidades do pensamento. Saberemos então viver no vale e no alto da mon-

tanha; então não haverá mais separação ou contradição entre ambos.

In «A Outra Margem do Caminho», Ed. Instituição Cultural Krishnamurti, Rio de Janeiro.

(Título original *The Only Revolution,* Ed. Gollancz, Londres).

O TEMPO. O SOFRIMENTO. A MORTE

Sou tentado a repetir a história de um grande discípulo que foi pedir a Deus que lhe ensinasse a verdade. Disse esse «pobre» Deus: «Meu amigo,hoje está muito calor; por favor, vai-me buscar um copo de água». O discípulo vai à primeira casa que encontra e uma linda jovem abre-lhe a porta. Enamora-se dela, casam-se e têm vários filhos. Então, um dia, começa a chover, a chover sem parar. Os rios engrossam, as ruas inundam-se, as casas são arrastadas pelas águas. O discípulo agarra a mulher, põe os filhos sobr os ombros e, ao sentir-se arrastado pela corrente, brada: «Senhor, imploro-vos que me salveis». E o Senhor responde: «Que é do copo de água que te pedi?»

É uma história bastante instrutiva, porque quase todos pensamos em termos de *tempo.* O homem vive do tempo. A invenção do futuro tornou-se o seu jogo favorito de fuga.

Pensamos que as mudanças em nós mesmos só podem ser efectuadas no tempo, que a ordem pode ser estabelecida em nós mesmos pouco a pouco, aumentada dia a dia. Mas o tempo não traz a ordem nem a paz e, portanto, temos de deixar de pensar em termos de gradualidade. Isso significa que não há um «amanhã» em que viveremos em paz. Temos de alcançar a ordem *instantaneamente.*

Quando se apresenta um perigo real, o tempo desaparece, não é verdade? A acção é imediata. Mas não vemos o perigo existente em muitos dos nossos problemas e portanto in-

ventamos o tempo como um meio de superá-los. O tempo (psicológico) é um embusteiro, porquanto nada faz para nos ajudar a produzir uma mudança em nós mesmos. O tempo é um movimento que o homem divide em «passado», «presente» e «futuro». E enquanto fizer essa divisão o ser humano viverá sempre em conflito.

O aprender depende do tempo? Após tantos milhares de anos ainda não aprendemos que existe uma maneira de viver melhor do que nos odiarmos e matarmos uns aos outros. É muito importante compreender o problema do tempo, se desejamos uma solução para esta vida, que ajudamos a tornar tão monstruosa e sem sentido.

A primeira coisa, pois, que se deve compreender é que só podemos olhar o tempo com aquele vigor e aquela inocência da mente que considerámos anteriormente. Estamos confusos a respeito dos nossos inúmeros problemas, e perdidos nessa confusão. ora, quando uma pessoa se perde numa floresta, qual é a primeira coisa que faz? Pára e olha em redor. Mas nós, quanto mais nos vemos confusos e perdidos na vida, mais corremos em todos os sentidos, buscando, perguntando, rogando. A primeira coisa que deveis fazer, se me permitis sugeri-lo, é fazer alto, interiormente. E quando parais interiormente, psicologicamente, a mente torna-se muito tranquila e clara. Pode-se então, realmente, considerar a questão do tempo.

Os problemas só existem no tempo, isto é, quando nos encontramos com um facto de maneira incompleta. Esse encontro incompleto com o facto cria o problema. Quando enfrentamos um desafio parcialmente, fragmentariamente, ou dele tentamos fugir — isto é, quando o enfrentamos sem atenção completa — criamos um problema. E o problema continua existente enquanto continuarmos a dar-lhe atenção incompleta, enquanto esperarmos resolvê-lo «um dia destes».

Sabeis o que é o tempo? — Não o tempo medido pelo relógio, o tempo cronológico, mas o tempo psicológico? É o *intervalo* entre a «ideia» e a acção. Essa ideia visa, naturalmente, a autoprotecção; é a ideia de estar em segurança. A *acção* é sempre imediata; não é do passado nem do futuro; o agir

tem de estar sempre no presente, mas a acção é tão «perigosa», tão incerta, que preferimos ajustar-nos a uma ideia que nos prometa uma certa segurança.

Olhai isto em vós mesmos. Tendes uma ideia do que é «certo» ou «errado», ou um conceito ideológico acerca de vós mesmos ou da sociedade, e de acordo com essa ideia ides agir. A acção, portanto, ajusta-se àquela ideia, aproxima-se da ideia e por essa razão há sempre conflito. Há a ideia, o *intervalo* e a acção. Nesse intervalo está todo o campo do tempo. Esse intervalo é essencialmente *pensamento.* Quando pensamos que «amanhã» seremos felizes, temos então uma imagem de nós mesmos a alcançar um certo resultado no tempo. O pensamento, pela observação, pelo desejo, e pela continuidade desse desejo, sustentado por mais pensamento, diz: «*Amanhã* serei feliz; *amanhã* terei sucesso; *amanhã* o mundo será um belo lugar». Dessa maneira, o pensamento cria esse intervalo, que é o tempo.

Agora, perguntamos: pode-se deter o tempo? Podemos viver tão completamente que não haja um «amanhã» para o pensamento pensar nele? Porque o tempo é sofrimento. Isto é, «ontem» ou há um milhar de «ontens» amámos ou tivemos um companheiro que se foi, e essa memória perdura e ficamos pensando naquele prazer e naquela dor; estamos a olhar para trás e a desejar, a esperar, a lamentar, e assim o pensamento, ruminando continuamente aquilo, gera isso que se chama *sofrimento,* e dá continuidade ao tempo.

Enquanto existir esse intervalo de tempo, gerado pelo pensamento, tem de haver sofrimento, tem de haver a continuidade do medo. Assim, perguntamos a nós mesmos: Pode esse intervalo terminar? Se dissermos «Terminará ele algum dia?», então isso é já uma ideia, uma coisa que desejamos conseguir e, portanto, temos um intervalo, e de novo caímos na armadilha.

Considere-se agora a questão da morte, um problema imenso para a maioria das pessoas. Conheceis a morte, pois aí está ela todos os dias, andando ao vosso lado. Será possível encararmos a morte de maneira tão completa que não fa-

çamos dela um problema? Para a encararmos dessa maneira, todas as crenças, todas as esperanças, todos os medos a ela relativos devem acabar, senão estaremos encarando essa realidade extraordinaria com uma conclusão, uma imagem, com uma ansiedade premeditada e, portanto, estaremos a encará-la com o tempo.

O tempo é o intervalo entre o «observador» e o observado. Isto é o «observador» — vós — tem medo de enfrentar essa coisa chamada «morte». Não sabeis o que ela significa; tendes esperanças e teorias de toda a espécie a respeito dela; credes na reincarnação ou na ressurreição ou na chamada «alma», «atman», uma entidade espiritual, eterna, a que chamais por diferentes nomes. Ora, já descobristes *por vós mesmos* se existe alguma «alma»? Ou trata-se de uma ideia que vos foi dada pela tradição? *Existe* alguma coisa permanente, contínua, que esteja para além do pensamento? Se o pensamento puder pensar nela, ela está então no campo do pensamento e, por conseguinte, não pode ser permanente, porque, no campo do pensamento, não existe nada permanente. É de enorme importância descobrir que nada é «permanente», porque só então a mente estará livre, só então poderemos olhar; e nisso há uma imensa alegria.

Não podeis ter medo do *desconhecido,* pois não se sabe o que ele é, e, portanto, não há nada que temer. A morte é uma palavra, e é a palavra, a imagem, que cria o medo. Assim, podeis olhar a morte, sem a imagem da morte? Enquanto existir a imagem, que dá origem ao pensamento, o pensamento terá sempre de criar o medo. Tratais então de racionalizar o vosso medo da morte e de levantar uma resistência contra o inevitável, ou inventais inumeráveis crenças para vos protegerdes do medo da morte. Há portanto um vão entre vós e a coisa de que tendes medo. Nesse intervalo de espaço-tempo tem de haver conflito, ou seja, medo, ansiedade, auto-compaixão. O pensamento, que gera o medo da morte, diz: «Adiemo-la, evitemo-la, mantenhamo-la o mais distante possível, não pensemos nela» — mas *estais* pensando nela. Ao dizerdes «Não quero pensar nela», já pensastes numa maneira de evitá-la. Tendes medo da morte porque a adiais.

Separamos o viver do morrer, e o intervalo entre o viver e o morrer é — medo. Esse intervalo, esse tempo, é criado pelo medo. «Viver» é a nossa tortura diária — sofrimentos, insultos, confusão e, ocasionalmente, uma janela que se abre sobre mares encantados. É a isso que chamamos «viver», e temos medo de morrer, que é o fim dessa aflição. Preferimos agarrar-nos ao conhecido a enfrentar o *desconhecido;* o conhecido é a «nossa» casa, os «nossos» móveis, a «nossa» família, o «nosso» carácter, o «nosso» trabalho, os «nossos» conhecimentos, a «nossa» fama, a «nossa» solidão, os «nossos» deuses — é essa coisa insignificante que incessantemente anda à volta dentro de si própria, com o seu limitado padrão de uma existência amargurada.

Pensamos que o viver está sempre no presente e que o morrer é algo que nos aguarda num tempo distante. Mas nunca indagamos se essa batalha da vida diária é de facto *viver.* Queremos saber a verdade sobre a reincarnação, desejamos provas da sobrevivência da alma, damos ouvidos às asserções dos clarividentes e às conclusões das pesquisas psíquicas, mas nunca perguntamos, *nunca,* como viver — viver com alegria, com encantamento, com beleza, todos os dias. Aceitamos a vida assim como ela é, com toda a sua agonia e desespero, habituamo-nos a ela e pensamos na morte como uma coisa que devemos cuidadosamente evitar. Mas a morte assemelha-se extraordinariamente à vida, quando sabemos viver. Não podemos viver sem morrer. Isto não é um paradoxo intelectual. Para se viver completamente, totalmente, de modo que cada dia seja uma nova beleza, tem de se morrer para todas as coisas de ontem, pois, de contrário, viveremos mecanicamente e uma mente mecânica nunca saberá o que é o amor ou o que é a liberdade.

Em geral tememos a morte porque não sabemos o que significa viver. Não sabemos viver, e por isso não sabemos morrer. Enquanto tivermos medo da vida, teremos medo da morte. O homem que não teme a vida não teme a insegurança, porque compreende que, interiormente, psicologicamente, não existe «segurança» nenhuma. Quando não há «segurança», há um *movimento infinito* e então a vida e a morte são

uma coisa só. O homem que vive *sem* conflito, que vive com beleza e amor, não teme a morte, porque amar é morrer.

Se morreis para tudo o que conheceis, incluindo a «vossa» família, a memória, tudo o que sentistes, a morte é então uma purificação, um processo de rejuvenescimento; a morte traz então a inocência, e só os inocentes são apaixonados, e não aqueles que crêem ou que desejam descobrir o que acontece *após* a morte.

Para descobrirmos o que realmente acontece quando se morre, temos de morrer. Não estou a brincar. Temos de morrer — não fisicamente, mas *psicologicamente*, interiormente, morrer para as coisas que apreciamos e para as coisas de que não gostamos. Se morrermos para um dos nossos prazeres, para o mais insignificante ou para o mais importante, sem nenhuma compulsão ou argumentação, saberemos então o que significa morrer. Morrer é ter uma mente completamente vazia de si mesma, vazia dos seus diários anseios, prazeres e agonias. A morte é uma renovação, uma *mutação*, em que o pensamento não funciona, porque o pensamento é coisa velha. Quando há morte, há algo totalmente novo. Libertar-se do conhecido é morrer e é então que estamos a *viver*.

In «Liberte-se do Passado», Editora Cultrix, S. Paulo, Brasil, 5.ª edição. (Título original *Freedom from the known*, Ed. Gollancz, Londres, 3.ª edição).

ENTREVISTA COM KRISHNAMURTI
(televisionada pela B.B.C. de Londres em 7 de Dezembro de 1970)

Os assuntos discutidos abrangeram um vasto campo, incluindo a autoridade, o medo e o prazer, a função do pensamento, relacionamento, amor e meditação. Seguem-se alguns extractos da entrevista:

[Sobre a autoridade]

Entrevistador — Krishnamurti, diz que todos os nossos problemas derivam de um único problema: vivemos como nos dizem para viver, somos pessoas de segunda-mão, e durante séculos temos estado submetidos a toda a espécie de autoritarismo. Hoje os jovens estão a rebelar-se contra a autoridade. Pessoalmente, que tem contra a autoridade?

Krishnamurti — «Pessoalmente», penso que nada tenho contra a autoridade, mas por todo o mundo a autoridade tem mutilado a mente — não só no aspecto religioso, como no aspecto psicológico, interior — porque a autoridade de uma crença (por exemplo), imposta pela religião, destrói seguramente a descoberta da realidade. Apoiamo-nos na autoridade porque temos medo de manter-nos «sós».

E. — Estou um pouco perplexo com isso porque, certamente, a sabedoria acumulada pela espécie humana não é para ser toda deitada fora, não?

K. — Pois não. Mas que é a sabedoria? Será a mera acumulação de conhecimentos, ou a sabedoria é algo que apenas nasce quando termina o sofrimento? A sabedoria, a sageza, não está nos livros, nem no conhecimento acumulado da experiência dos outros. Seguramente, a sabedoria vem-nos no autoconhecimento, na autodescoberta da estrutura total de nós mesmos. Na compreensão de nós mesmos reside o fim do sofrimento psicológico e também o começo da sabedoria. Como pode a mente ser sábia quando está prisioneira do sofrimento e do medo? Só quando o sofrimento psicológico — que também é medo — acaba, existe a possibilidade de se ser sábio.

[Sobre o amor]

E. — Porque é que todos desejamos tão «desesperadamente» ser amados?

K. — Porque estamos desesperadamente vazios e isolados.

E. — Mas diz que amar é mais importante do que ser amado.

K. — Sim, concerteza — o que quer dizer que se tem de compreender esse vazio, essa solidão que existe em cada um. A mente preocupada consigo mesma, com as suas ambições,

a sua avidez, medos, culpa, sofrimento, não tem capacidade para amar. A mente que em si mesma está dividida, que vive em fragmentos, obviamente não pode amar. A divisão implica sofrimento, ela é a *raiz* do sofrimento — essa divisão entre «eu» e «tu», «nós» e «eles», os «pretos», os «brancos», os «mestiços», etc. Portanto, onde quer que haja divisão, fragmentação, o amor não pode existir, porque o bem é um estado em que não há divisão. O próprio mundo é indivisível.

E. — Diz, de facto, que o amor só nasce quando há um abandono total do «eu». Mas como se consegue abandonar o «eu»?

K. — Esse abandono total só acontece com a compreensão de nós mesmos. O *autoconhecimento é o começo da sabedoria,* e, portanto, sabedoria e amor andam juntos. Isto significa que só há amor quando realmente nos compreendemos a nós mesmos e portanto sabemos, em nós mesmos, que não há nenhuma fragmentação — nenhum sentimento de avidez, cólera, ambição, nenhuma actividade separativa.

E. — Mas, como sabe, temos ainda de viver nesta sociedade, por sinal uma sociedade bastante doente, e isso tem influência sobre nós; não estamos realmente livres para sermos nós próprios, em parte por causa da sociedade.

K. — Mas concerteza; nós *somos* a sociedade. Construímos a sociedade — *a sociedade é nós, o mundo é nós.* O mundo não é diferente de «mim». Sou resultado do mundo, da religião, do ambiente em que vivo.

E. — Diz que é o esforço que nos destrói, que a vida é uma série de batalhas e que só é feliz o homem que não está prisioneiro do esforço. Mas pode-se fazer no mundo algum trabalho sem uma dose de intenso esforço?

K. — Porque não? Que é o esforço? É uma *contradição de energias,* não é verdade? Uma energia opondo-se a outra energia.

E. — Não poderá ser uma actividade constante numa direcção?

K. — Se se tratar de *uma* actividade, de *uma* coisa que se faz, onde é que está a contradição? Não há perda de energia, não há conflito. Se vou passear, vou passear. Mas se quero ir passear e tenho alguma outra coisa para fazer, então começa

a contradição, o conflito, o *esforço*. É por isso que, para compreender o esforço, temos de descobrir as nossas contradições.

[Sobre a meditação]

E. — Que entende por meditação? Esta palavra aparece muitas vezes nos seus livros. Procurei-a no Dicionário de Oxford antes de vir ter consigo e aí diz-se que meditação significa dedicar-se muito ao pensamento. Mas não é isso que meditação significa para si.

K. — Tem de se investigar para se saber o que é realmente *meditação* — para mim é das coisas mais importantes.

E. — Será possível explicar melhor o que ela é, se me disser o que ela não é?

K. — Ia justamente sugerir isso. Como sabe, há várias escolas de meditação. Oferecem vários sistemas e métodos, e dizem que se os praticarmos dia após dia, alcançaremos uma certa forma de iluminação, uma certa experiência extraordinária... Antes de mais, toda a ideia de sistema, de método, implica uma repetição mecânica — e isso não é meditação.

Será então possível, não embotar a mente pela repetição, mas sim estar atento ao movimento do pensar — sem o reprimir, sem tentar controlá-lo, mas apenas estar consciente de toda esta actividade do pensamento, da sua constante tagarelice?

E. — Verbalizamos constantemente os nossos pensamentos, não é verdade?

K. — Exactamente. O pensamento só existe em palavras ou em imagens (de vários tipos). A meditação exige a mais alta disciplina — não a disciplina da repressão e do conformismo — mas a que surge quando *observamos* o nosso pensamento. Essa mesma observação tem a sua própria disciplina, de uma subtileza extraordinária. Isso é absolutamente necessário.

E. — Terá de se dispôr de tempo para fazer isso?

K. — Podemos fazê-lo em qualquer altura. Quando se está sentado no autocarro, pode-se observar, estar atento a tudo. Ao que está a acontecer à nossa volta e ao que está a acontecer em nós mesmos — estar consciente de todo o processo, do movimento *total*.

A meditação é na verdade uma forma de libertar ou de «esvaziar» a mente de tudo o que se conhece. Sem isso não se pode saber o *desconhecido.* Para ver, compreender algo *novo,* completamente novo, a mente tem de estar vazia de todo o passado. A Verdade, ou Deus, ou seja qual for o nome que lhe dermos, tem de ser algo *novo,* e não uma coisa resultante da propaganda, resultante do condicionamento. O Cristão está condicionado por 2.000 anos de propaganda, tal como o Hindú e o Budista. Para eles, portanto, «Deus», ou a «Verdade», é um resultado da propaganda. Mas isso não é a Verdade. A Verdade é algo que é *vivo,* todos os dias. Por isso a mente tem de ser «esvaziada» para poder olhar a Verdade.

E. — É como apagar o quadro, por assim dizer?

K. — Meditação é isso.

E. — E então tem-se aquela total e descontraída percepção da realidade, de «aquilo que é».

K. — De aquilo que é — está correcto. E *aquilo que é* não é uma coisa estática, mas extraordinariamente viva. E portanto a mente que está de facto em meditação, a mente meditativa, é uma mente extremamente silenciosa, silêncio que não é produzido pela supressão do ruído. Não é oposto do ruído. Acontece quando a mente se compreende completamente a si mesma — e portanto não há qualquer movimento, o que significa que as próprias células do cérebro se tornam quietas. E então, nesse silêncio, tudo acontece. É uma coisa extraordinária, se a observarmos. É esta a autêntica meditação e não toda essa aceitação imitativa da autoridade, a repetição de palavras e tudo o mais; o que é absurdo.

E. — Posso então recapitular, para ver se compreendi? A meditação, é, parece-me, o processo essencial do descondicionamento.

K. — Exactamente.

E. — E se me libertar do peso morto da autoridade, se puser de lado tudo o que me tem sido dito, nesse momento ficarei só, mas nessa solitude tenho oportunidade de poder compreender o que realmente sou.

K. — E de compreender também o que é a Verdade, ou Deus, ou a mesma Realidade com outro nome que se goste de lhe dar.

(*In* Bulletin 9, Krishnamurti Foundation, Londres).

A MENTE SÃ

Krishnamurti: Creio que a maior parte de nós tem uma ideia bastante clara do que está a acontecer no mundo. Observando o processo histórico, o terrível simulacro de paz, cada um já deve ter perguntado a si mesmo o que é afinal a vida. Vemos a escravização de imensas massas de pessoas; a corrupção, ao mesmo tempo que se fala de democracia; a falência das religiões; e só as superstições perduram. Vemos o peso morto da tradição, os inúmeros «gurus», os adivinhos, os monges, os astrólogos. Há a miséria, a degradação, a pobreza da existência. E também um profundo desespero. Diante deste quadro desolador, qual é a nossa resposta? Há quem diga que não precisamos de um novo sistema ou de uma nova filosofia, e sim de um novo tipo de liderança, de um novo tipo de homem com enorme autoridade não apenas em relação ao governo, mas também à própria força do seu «ideal». Mas precisamos mesmo de novos líderes?... Do que necessitamos é libertar-nos de líderes.

Quando observamos esta extensa confusão, estrangulamento e desequilíbrio económicos, pômo-nos a pensar no que poderia esta escola fazer, que deveria ela fazer. Querem debater este assunto? Não idealisticamente, pois os ideais, sejam de que espécie forem, são sempre prejudiciais. Os ideais impedem-nos de encarar os *factos,* e é só o interesse pelos factos e por compreendê-los que liberta a energia para o movimento na direcção certa. Os ideais nada mais fazem do que gerar novas formas de fuga. Consideremos tudo isto e vejamos o que se pode fazer nesta escola.

Não se trata de passar do geral para o particular, pois esta escola é uma amostra do que está acontecendo no mundo e, ao ver o caos, a miséria e o sofrimento destruidores, sinto que só há uma saída, e esta é a formação de uma *nova mentalidade.* É essencial um espírito diferente, capaz de enfrentar todos os problemas, e de achar-lhes solução, sem criar outros ainda. Creio que a maneira correcta de educar terá como resultado uma *mente sã,* o desenvolvimento *total* do homem, e isso me parece ser o maior problema, não apenas neste lugar, mas também no resto do mundo.

Como criar uma *mente nova,* capaz de ver todas estas correlações, não só no nível superficial, mas igualmente capaz de ir *até ao fundo?* A meu ver o problema da educação consiste em cultivar uma inteligência que não resulte de influências, *uma inteligência que não se limite a aprender determinadas técnicas e a procurar ganhar a vida.* Tudo isto faz parte da educação, mas não representa, por certo, a sua única finalidade. Ora, como educar uma criança para que venha a ser capaz de encarar a vida, sem se conformar meramente com os padrões estabelecidos pela sociedade, com certos modelos de conduta, sendo, assim, capaz de ir muito além, *capaz de penetrar profundamente em todo o problema da existência?*

Não sei se já reflectiram sobre o que é uma mente sã. Será aquela que retém o que lê, e que funciona baseada na memória? O cérebro electrónico faz isto maravilhosamente. Resolve com rapidez espantosa alguns dos mais complicados problemas matemáticos. Actua, como se sabe, do mesmo modo que o cérebro humano, para realizar os cálculos necessários.

Será bem formada a mente que repete, como um gramofone, tudo o que lhe foi dito? Nisto tem consistido a nossa educação. Conhecer factos, datas, citá-los uma vez por ano, por ocasião dos exames. Podemos chamar a isto desenvolver uma mente criadora? No entanto, não é este, em geral, o nosso modo de ensinar? Mas a mera acumulação de conhecimentos, sinónimo de desenvolvimento da memória, é apenas um processo aditivo. Ele não forma um espírito lúcido, sadio, não é verdade? É óbvio que o mero desenvolver da memória não cria uma mente de qualidade, se bem que nisso se baseie a maior parte de nossa existência. No entanto, uma boa memória tem o seu valor, não só para a lembrança de certas coisas, mas para a preparação técnica. Então, até que ponto a memória interfere com uma mente sã, capaz de explanar, investigar, descobrir? Até que ponto a memória interfere com a autêntica liberdade?

Não sei se já alguma vez pensaram no inventor do avião a jacto. Primeiro, ele teve de compreender todo o problema do

motor de propulsão. Tinha de sabê-lo, mas, depois, precisou de pôr tudo isso de lado, para descobrir algo **novo.** Os especialistas, até descobrirem uma coisa realmente nova, continuam a «complicar» e a aperfeiçoar a técnica antiga, mas para alguém inventar algo novo, tem de abandonar o velho.

Professor: Disse que a percepção de um facto conduz ao conhecimento na direcção correcta, ao passo que os ideais levam à evasão. Poderia tornar esta afirmativa um pouco mais clara?

Krishnamurti: Como se formam os ideais e qual a sua necessidade? O ideal do que «deveria ser», que se encontra sempre longe do *facto,* limita a mente e torna-a estática. Se uma criança meramente se ajustar a certos ideais, às palavras de certos professores, do pai, do avô, do tio, etc., isso restringe a energia e limita o conhecimento. O ajustamento limita o saber. Se sou professor de arte e ensino a criança a copiar, o que é imitação, não estou realmente a auxiliar a percepção, a expressão criadora. Vejamos agora o que se dá quando existe o percebimento de um facto. Noto que sou limitado. Existe a percepção, a compreensão, a consciência desse facto. Isto é, não dou explicações nem opiniões sobre a minha limitação, para por meio delas fugir à realidade. *A observação de um facto, sem o justificar ou condenar, liberta imensa energia.* Pois bem; haverá libertação de energia através do conformismo, através do «motivo», através da mera aceitação? Poderá alguém *funcionar* numa estrutura de mera aceitação?

Professor: Fisicamente, há libertação de energia.

Krishnamurti: Há libertação de energia física por meio do conformismo? Que «motivo» existe por detrás deste extraordinário desejo que em geral temos de ajustar-nos a um padrão? É óbvio que é o desejo de segurança. Segurança no relacionamento com a mulher, com o marido, com um amigo, com a opinião pública. Tudo isto indica não só o desejo de segurança económica, mas também de certeza interior, de segurança da própria mente, não é verdade?

Professor: Buscamos segurança por desejarmos paz de espírito.

Krishnamurti: Necessitamos, sem dúvida, de alguma se-

gurança. Preciso de ter um emprego. Se não tivesse a certeza da minha próxima refeição, não estaria aqui falando. O desejo de paz significa que deveríamos ter uma mente «imperturbável»? E porque não deveremos ser perturbados? Que há de errado se o formos? Grande parte do mundo encontra-se nesse estado. Porque não poderemos também ser incomodados? A mente que pretende nunca ser perturbada não se acha na verdade morta? Não pode haver uma mente tão perfeitamente certa e segura que nunca seja perturbada. Creio ser esta a espécie de mente que a maioria de nós desejaria ter, sendo por isso que nos ajustamos indefinidamente. Se temos um filho, gostamos que ele se conforme ao padrão social, pois não queremos que seja um revolucionário. Pergunto, então, o que estará por detrás desse desejo de segurança, de certeza, por detrás desta esperança em que se inclui o desespero?

Examinemos isto diferentemente. Acabo de perguntar-me qual a razão deste anseio. Será o medo? Receio não poder cuidar da minha família e, por isso, agarro-me ao meu emprego. Temo que a minha mulher, ou o meu marido, não goste de mim. Possuo propriedades e tenho medo de perdê-las. Por detrás desta ameaça, há medo, um desejo de estar seguro.

Professor: Só estamos seguros quando não tememos nada.

Krishnamurti: E será isso possível? Sabem o que é o medo. Se a maioria de nós estivesse livre de todo o medo, o que aconteceria? Faríamos exactamente o que gostaríamos de fazer. O medo refreia-nos, não é? Mas estamos perguntando se uma mente com medo, ansiosa, se sente alguma vez segura. Posso estar bem colocado, gostar da minha mulher ou do meu marido, mas sinto-me seguro se vivo atemorizado? Quem não sente medo, o que é realmente um estado extraordinário, está livre do problema da segurança. Será possível a nossa mente compreender o medo e estar *livre* dele? Porque, sendo *livre*, tudo o que essa mente fizer será acção correcta.

Como educareis um grupo de crianças procurando que elas não tenham medo? O que não significa que elas façam o que lhes apetece — mas que estejam *livres de toda a apreen-*

são e ansiedade. Isso não libertará uma enorme quantidade de energia?

Como se fará a educação da criança? Tem-se medo e vê-se que o medo é extremamente perturbador. Como educar um menino de maneira que viva sem medo? Que pode o professor fazer para traduzir isto em acção? Será deixar a criança pensar livremente? Todos conhecem a importância da intrepidez, porque viver com medo equivale a morrer. Quer seja consciente, quer inconsciente, o medo perturba a mente. Como ajudar uma criança a não ter medo, convivendo bem, simultaneamente, com os demais? Ela, é claro, não é capaz de fazer o que gosta, nem dizer: «Não quero ir à aula e não temo as consequências.» Que é, então, que *liberta* a criança, o estudante? Que é que lhe dá a profunda impressão de ser livre, não para fazer o que lhe apetece, mas *livre?* Uma criança que sente que o professor vela por ela, que com ela se preocupa, que a trata com familiaridade, sente-se completamente *segura,* não o teme, mas respeita-o e escuta-o, justamente em virtude desse cuidado e da grande confiança que daí advém. Ela ouve pacificamente o que lhe dizemos. Abramos-lhe, pois, a porta para que seja livre. E, depois, que faremos então? Primeiramente temos de estabelecer um bom *relacionamento* com o aluno, fazendo-o perceber o nosso interesse por ele, de maneira a que ele possa sentir-se à vontade connosco e, assim, sentir-se-á seguro. Isto *não* é uma teoria, *não* é uma ideia. Que faremos nós se o aluno não se sair bem nalgum exame? Um jovem pode não ser tão vivo quanto outro, mas, mesmo assim, ele precisa de aprender. Como o incentivaremos a aprender sem medo? Se se disser que um menino é melhor que outro, isso gera medo. Como evitar tudo isto e, ao mesmo tempo, ajudar a criança a *aprender?* A criança recebeu dos pais uma educação diferente. Toda a sua vida foi encaminhada para a busca do sucesso, das realizações, e ela chega aqui com todos esses antecedentes de medo e competição. Como ajudá-la?

Professor: Podemos auxiliá-la a aprender de acordo com a sua capacidade individual.

Krishnamurti: Vamos devagar. Então, como faremos isso? Esta escola está nas vossas mãos. Têm de criar alguma coisa com ela. «Ensinar» é uma actividade criadora, e não al-

go que se transmite para ser decorado. Como vão então «ensinar» as crianças por quem têm um sentimento de amor? Lembrem-se de que elas não estão interessadas em «aprender». O que desejam é passar o tempo agradavelmente. Jogar à bola, ouvir os pássaros e, ocasionalmente, olhar para os livros. O facto é que preferem aquilo que for mais fácil. Se deixarem isso por conta delas, quando mais se sentirem seguras com o professor, tanto mais o irão «explorar». Como as ajudaremos a aprender? Temos de descobrir maneiras de lhes despertar a atenção, e isso libertará a nossa energia para podermos tornar os assuntos mais interessantes para a criança.

Antes de actuarmos em relação à criança, qual é o nosso estado de espírito para *ajudá-la a aprender* coisas em que não está interessada?

Professor: É o desejo de *partilharmos* o que aprendemos, com as crianças.

Krishnamurti: Desejamos então que estas crianças aprendam, porque aprender faz parte da existência, *mas elas só poderão aprender se não sentirem medo.* Temos de ensinar a criança a aprender sem medo, o que quer dizer que temos de «explodir», com este desejo de partilhar com a criança. Sabem qual é o estado mental de quem quer compartilhar? Esse *querer compartilhar* é já, parece-me, o sentimento correcto. E o que é que isso implica? O facto é que nós sabemos mais, e a criança sabe menos, e nós sentimos que ela necessita de aprender, que precisa de ser capaz de compartilhar. O professor e o aluno estão, ambos, a *aprender,* o que equivale a estarem vivendo juntos uma experiência. A criança e o professor já estão, então, em comunicação. Uma vez estabelecido o correcto *relacionamento* ou *comunicação* entre nós e a criança, ela aprenderá, pois confia em nós.

Professor: O professor pode gostar muito da criança, mas, apesar disso, a criança pode não querer aprender, por falta de interesse.

Krishnamurti: Não me parece. Quando o aluno confia no professor, a sua disposição para aprender é a melhor possível. O que vamos tentar fazer é *estabelecer uma relação.* Se o conseguirmos, não poderemos levá-lo a compreender a importância do aprender?

Esta manhã, ao começarmos a falar, não havia comunicação entre o «orador» e os «ouvintes». Agora já estabelecemos uma certa comunicação e estamos tentando trabalhar em conjunto. Não poderemos fazer o mesmo com as crianças?

(Encontro com Professores de uma das escolas Krishnamurti, na Índia). *In* «Ensinar e Aprender», Ed. Instituição Cultural Krishnamurti, Rio de Janeiro, Brasil.

(Título original *Krishnamurti. On Education,* Ed. Orient Longman).

A DESCOBERTA DO SILÊNCIO

Na vida que em geral levamos há muito pouca solitude. Mesmo quando estamos sós, a nossa vida está tão repleta de influências, de conhecimentos, de memórias e experiências, de ansiedade, aflição e conflito, que a mente se torna cada vez mais embotada e insensível, funcionando numa monótona rotina. Alguma vez estamos «sós»? Ou estamos transportando connosco todas as cargas de ontem?

Conta-se uma história interessante de dois monges que, caminhando de uma aldeia para outra, encontraram uma jovem sentada na margem de um rio, a chorar. Um dos monges dirigiu-se a ela, dizendo: «Irmã, porque choras?» E ela respondeu: «Estás vendo aquela casa do outro lado do rio? Vim para este lado hoje de manhã cedo e não tive dificuldade em atravessar a pé o rio; mas agora ele engrossou e não posso voltar; não há nenhum barco». «Oh!» disse o monge, «isso não é problema» — levantou nos braços a jovem e atravessou o rio, deixando-a na outra margem. E os dois monges prosseguiram juntos a jornada. Passadas algumas horas, disse o outro monge: «Irmão, nós fizemos o voto de nunca tocar numa mulher. O que fizeste é um horrível pecado. Não sentiste prazer, uma sensação extraordinária, ao tocar uma mulher?» — E o outro monge respondeu: «Eu deixei-a para trás há duas horas. Tu ainda a estás carregando, não é verdade?»

É isso o que fazemos. Carregamos os nossos fardos a todas as horas; nunca morremos para eles, nunca os deixamos para trás. É só quando dispensamos a um problema toda a nossa atenção e o resolvemos *imediatamente,* sem o transportarmos para o dia seguinte — o minuto seguinte — só então é que há solitude. Então, ainda que estejamos numa casa cheia de gente, ou viajando num autocarro, sentimos isso. E essa solitude denota uma mente nova, uma mente inocente.

Ter silêncio e espaço interiores é muito importante, porque implica *liberdade* para existir, mover-se, actuar, «voar». Afinal, a bondade só pode florescer onde há espaço, assim como a virtude só pode desenvolver-se quando há liberdade. Podemos ter liberdade política, mas, interiormente, não somos livres e, portanto, não há *espaço.* Nenhuma virtude, nenhuma qualidade valiosa, pode funcionar ou crescer sem esse vasto espaço interior. E o espaço e o silêncio são necessários, pois apenas a mente que está «só», *livre* de influências, de disciplinas, do controle de uma infinita variedade de experiências, é capaz de encontrar-se com algo totalmente novo.

Cada um de nós pode verificar directamente que só há possibilidade de clareza quando a mente se encontra em silêncio. No Oriente, a finalidade da meditação é produzir um estado mental capaz de controlar o pensamento, o que é a mesma coisa que recitar constantemente uma oração para «aquietar» a mente, esperando-se que, nesse estado, se compreenderão os problemas do indivíduo. Mas, a menos que sejam lançadas as bases, ou seja, que se esteja livre do medo, livre do sofrimento, da ansiedade e de todas as armadilhas que armamos para nós mesmos, não vejo possibilidade de a mente ficar realmente *quieta.* Esta é uma das coisas mais difíceis de transmitir. A comunicação entre nós requer, não só que compreendamos as palavras que estou empregando, mas também que ambas as partes, vós e eu, estejam cheias de intensidade ao mesmo tempo, nem um momento mais cedo ou mais tarde, e sejam capazes de encontrar-se ao mesmo nível. Essa comunicação não é possível quando estamos a interpretar o que lemos, de acordo com os próprios conhecimentos, o

nosso prazer, ou as nossas opiniões, ou quando fazemos um tremendo esforço para compreender.

Um dos piores obstáculos na vida — parece-me — é essa luta constante para «alcançar», «conseguir», «adquirir». Desde a infância somos educados para «adquirir» e «realizar»; as próprias células cerebrais criam e exigem esse padrão de realização, a fim de terem segurança física, mas a segurança psicológica não se encontra no campo da realização. Exigimos «segurança» em todas as nossas relações, atitudes e actividades, mas, como já vimos, não existe realmente essa coisa chamada «segurança». Se descobrirmos por nós mesmos, que não há nenhuma forma de segurança em qualquer espécie de relação — se percebermos que, psicologicamente, nada existe de permanente, esse percebimento dá-nos uma maneira totalmente diferente de encarar a vida. É essencial, naturalmente, a segurança exterior — habitação, vestuário, alimentação — mas essa segurança exterior é destruída pela exigência de segurança psicológica.

O espaço e o silêncio são necessários para ultrapassarmos as limitações da consciência, mas, como pode ficar quieta uma mente que está constantemente activa no seu interesse egocêntrico? Podemos «disciplina-la», controlá-la, moldá-la, mas essa tortura não torna a mente *quieta;* só a torna embotada. Evidentemente, o mero cultivar do ideal de «ter a mente quieta» é sem valor,porque, quanto mais a forçamos, mais estreita e estagnada ela se torna. Qualquer forma de controle, tal como a repressão, só produz mais conflito. Assim, o controle e a disciplina exterior não são o caminho certo, tal como não tem valor nenhum uma vida *não* disciplinada.

A vida de quase todos nós é exteriormente «disciplinada» pelas exigências da sociedade, pela família, pelo nosso próprio sofrimento, pela nossa própria experiência, pelo ajustamento a certos padrões ideológicos ou factuais, e essa forma de disciplina é a coisa mais destruidora que existe. A *disciplina* deve ser sem controle, sem repressão, sem nenhuma forma de medo. Como pode nascer essa disciplina? Não é —

«primeiro» disciplina e «depois» liberdade; a liberdade está logo no começo, e não no fim. Compreender essa liberdade, que significa estar livre do ajustamento que a disciplina impõe, *é* disciplina. O próprio acto de aprender *é* disciplina (aliás, a própria raiz da palavra disciplina significa *aprender*), e esse próprio aprender transforma-se em clareza. A compreensão da natureza e estrutura do controle, da repressão, ou da permissividade, requer atenção. Não é necessário impôr disciplina para estudar, pois já o acto de estudar cria a sua própria disciplina, sem repressão de espécie alguma.

Para rejeitarmos a autoridade (referimo-nos à autoridade psicológica e não à autoridade da lei), rejeitarmos a autoridade de todas as organizações religiosas, de todas as tradições e da experiência, temos de ver por que, normalmente, obedecemos; temos, com efeito, de estudar isso. Esse estado exige que estejamos livres da condenação, da justificação, da opinião, ou da aceitação. Mas, não podemos aceitar a autoridade, e ao mesmo tempo estudá-la; isso é impossível. Para se estudar toda a estrutura psicológica da autoridade, é preciso que exista liberdade dentro de nós mesmos. E quando a estamos estudando, estamos a rejeitar toda a sua estrutura, e quando a rejeitamos, essa própria rejeição é a luz da mente livre da autoridade. A negação de tudo o que tem sido considerado «valioso» — como a disciplina exterior, a liderança, o idealismo — é estudá-la; então, esse próprio acto de a estudar não só é disciplina, mas a negação dessa autoridade, e a própria negação é um acto positivo. Assim, estamos a negar todas as coisas consideradas importantes para produzir a quietação da mente.

Como vemos, não é o controle que leva à quietação. E também não está quieta a mente ao ter um objecto que de tal maneira a absorve que se perde nesse objecto. Isso é como dar a uma criança um brinquedo interessante; a criança fica quieta, mas, tira-se-lhe o brinquedo e ela volta a fazer travessuras. Todos nós temos os nossos brinquedos que nos absorvem, e, por isso, pensamos que estamos tranquilos. Quando nos dedicamos a uma certa forma de actividade, científica, literária ou qualquer outra, o «brinquedo» apenas nos absorve e não estamos, de facto, totalmente tranquilos.

O único silêncio que conhecemos é o «silêncio» que vem quando cessa o barulho, o silêncio que vem quando o pensamento cessa; mas isso não é *silêncio*. O *silêncio* é coisa completamente diferente, como a beleza, como o amor. Esse silêncio não é produto duma mente quieta, não é produto de células cerebrais que, tendo compreendido toda a estrutura, dizem: «Pelo amor de Deus, fica tranquilo!»; são, então, as próprias células cerebrais que produzem silêncio. E isso não é silêncio. Nem o *silêncio* é produto da atenção em que o observador é o objecto observado; não há então atrito, mas isso não é silêncio (ainda).

Estais à espera que eu vos descreva o que é esse silêncio, a fim de poderdes compará-lo, interpretá-lo, levá-lo e «enterrá-lo». Ele não pode ser descrito. O que pode ser descrito é o «conhecido», e o estado livre do conhecido só pode tornar-se existente quando há um morrer todos os dias para o conhecido, para os insultos, as lisonjas, para todas as imagens que formámos, para todas as nossas experiências: morrer todos os dias, para que as células cerebrais se tornem novas, frescas, inocentes. Mas, essa inocência, essa frescura, essa qualidade de ternura e delicadeza não produz o amor; não é ainda a qualidade da beleza ou do silêncio.

Aquele silêncio, que não é o silêncio do fim do barulho, é só um modesto começo. É como passar por um túnel estreito para se chegar a um oceano imenso, vasto, extenso — a um estado imensurável, intemporal. Mas isso não se pode compreender verbalmente, a menos que se tenha compreendido toda a estrutura da consciência e o significado do prazer, do sofrimento e do desespero, e as próprias células cerebrais se tenham tornado quietas. Talvez então alcancemos aquele mistério que ninguém pode revelar-nos e nada pode destruir. Uma mente *viva* é uma mente quieta, é uma mente que não tem «centro» algum e, por conseguinte, não tem espaço nem tempo. Essa mente não tem limites e o Ilimitado é a única verdade, a única realidade.

(*In* «Liberte-se do passado», Editora Cultrix, 5ª ed.).

MEDITAÇÃO

Não façam da meditação uma coisa complicada; ela é bem simples e, como tal, bastante subtil. Essa subtileza escapar-nos-á se dela nos acercarmos com toda a espécie de fantasias e ideias românticas. Meditação é, na realidade, um penetrar no *desconhecido*. Para isso, o conhecido — memória, experiência, conhecimento adquirido em cada dia ou em milhares de dias — deve terminar. Só a mente livre pode penetrar no coração do Imenso.

A meditação é assim tanto essa penetração, como o findar do ontem. O fim do passado e a entrada no *desconhecido* não fazem parte de um processo dualista nem do corredor interminável dos opostos.

O problema começa quando perguntamos como eliminar o passado. Efectivamente não existe «como». O «como» implica um método, um sistema, e é esse mesmo método que condiciona a mente. Reparai na verdade disto. A liberdade é que é necessária e não «como ser livre». O «como ser livre» apenas escraviza.

A imitação, o conformismo e a obediência a um princípio ou um ideal estão na base do passado. Esta é a sua essência, sempre a repetir-se no presente e a construir o futuro. Neste círculo vicioso fica preso o pensamento. Ele é o passado e quando se pergunta «como» libertar-se do passado, o pensamento está de novo a construir a teia do tempo.

A compreensão da verdade disto requer liberdade — não no fim, mas no próprio começo.

A luz da meditação não é privilégio de ninguém, e o «guru» nela não cabe. Ele não tem lugar no movimento da vida. Neste movimento vivemos *nós,* não o «guru», e o que quer que ele ofereça será sempre uma ilusão. Temos de ver pela nossa própria luz e não pela de outrem. Essa luz não significa opinião, conclusão, conhecimento ou mesmo experiência. Estas não trazem *luz,* mas apenas a lembrança do passado e o que passou está na obscuridade. Essa luz não é nossa nem do «guru»; é apenas *luz,* e essa luz não tem qualidade, nem está dentro dos limites da personalidade ou da actividade egocêntrica.

A beleza da meditação está na inocência do *novo,* que envelhece quando é guardado e aprisionado. Ele não tem passado nem futuro. É *novo* por estar livre do tempo, por estar sempre a transformar-se a si próprio. E a mente não pode acompanhar essa transformação. Apenas pode *ver,* e para ver tem de estar em perfeita quietude.

Só nesse *silêncio* — que não é uma palavra, nem é produto do pensar — o movimento do *novo* acontece. Isso é criação — e abençoado é aquele que o percebe.

(*In* Bulletin 31, Krishnamurti Foundation, Londres).

ALÉM DO PENSAMENTO E DO TEMPO

Se a transformação da mente e do coração do homem nos interessa seriamente, temos de nos dedicar de maneira total à resolução dos nossos problemas, porque o conteúdo da nossa consciência *é* o conteúdo do mundo. Embora com modificações, *a consciência de cada um de nós é a consciência do resto da humanidade.* E se houver uma mudança radical na nossa consciência, esta afectará o resto do mundo. Isto é um facto evidente.

Gastamos muita energia a tentar resolver os nossos problemas — energia intelectual, emocional e física — e toda esta energia com os seus conflitos e contradições e as suas variadas actividades por vezes deliberadamente destrutivas, não tem dado qualquer resposta aos nossos problemas humanos. Penso que isto é uma realidade que ninguém pode negar.

Estamos interessados em saber se haverá uma espécie de energia *diferente* que possamos canalizar, para resolver os nossos problemas. Por isso, vamos investigar juntos, procurando saber se é possível essa energia diferente, que não es-

teja em contradição consigo mesma, que não se baseie na actividade do pensamento, com a sua energia separativa, que não esteja dependente das circunstâncias ambientais, da educação, da influência da cultura. Vamos indagar se haverá uma actividade *diferente*, um movimento diferente que não esteja dependente das actividades egocêntricas, das actividades e energias que o «eu» cria, com todas as suas contradições. Haverá uma energia que não tenha nenhuma causa? Porque causa implica tempo.

Usamos apenas uma área muito limitada do cérebro e essa pequena área é controlada e moldada pelo pensamento. E o pensamento, nos aspectos intelectual, emocional e físico cria uma *energia contraditória*, o «eu» e o «tu», «nós» e «eles», o que somos e o que «deveríamos ser» — o ideal, o protótipo perfeito. Espero que estejam a compreender isto. Penso que é muito importante percebermos que vamos trabalhar *juntos*, que aquele que vos está a falar não lhes vai dizer o que devem fazer, porque não tem qualquer autoridade. A autoridade em assuntos espirituais é extremamente destrutiva, porque autoridade implica conformismo, medo, obediência, predisposição para aceitar e para «seguir». E quando estamos a investigar *em conjunto*, isso quer dizer que não se está a «seguir», que não se está a concordar ou a discordar, mas apenas a *observar*, a inquirir. Estamos *todos* a fazer isso. Portanto, quando estamos *em comum*, o «eu» e o «tu» desaparecem. É o trabalho que é importante, e não eu ou tu. Estamos portanto a trabalhar juntamente, para saber se há uma energia totalmente diferente, não baseada numa causa, porque esta separa do passado a acção do presente.

Esta pesquisa leva-nos então a perguntar *se haverá no cérebro uma área que não esteja contaminada pelo pensamento, que não seja produto da evolução, e não esteja atingida pela cultura.* Desde os tempos mais remotos que o homem tem usado apenas uma área muito pequena do cérebro, uma área em que há o conflito entre o «bem» e o «mal». Podemos ver isso em todas as pinturas, em todos os símbolos, em todas as actividades do homem. Este conflito entre o «bem» e o

«mal», entre *o que é* e o que «deveria ser», entre o *que é* e o «ideal», criou uma atitude cultural comum ao Cristianismo, Hinduísmo, Budismo, etc. E o nosso cérebro, essa pequena área do cérebro está condicionada por essa atitude cultural.

Poderá a mente libertar-se a si mesma desse condicionamento, libertar-se dessa área limitada e penetrar numa área que não seja controlada pelo tempo, pela causalidade, pela direcção?

Temos, pois, de começar por investigar o que é *tempo,* o que é *direcção,* e saber o que os seres humanos estão a procurar atingir, no campo *psicológico.* Psicologicamente, o que é o tempo? Há o tempo cronológico, o tempo do relógio, mas *psicologicamente* haverá, realmente, tempo? Tempo, no sentido de *movimento.*

Tempo também implica *direcção.* Diz-se que, psicologicamente, *o que é* só pode ser alterado por um processo gradual, e que isso precisa de tempo. E esse processo gradual far-se-á numa direcção definida, a direcção estabelecida pelo ideal. Para se conseguir isso tem de se ter tempo, como um «movimento» daqui para ali; e nessa área de tempo, ficamos prisioneiros. Isto é: «eu sou o que sou, devo transformar *isto* no que eu *deveria* ser, e para fazer isso preciso do movimento do tempo». E a direcção é controlada, moldada pelo ideal, pela fórmula, pelo conceito que o pensamento cria. Ou seja, o ideal é criado pelo pensamento, o pensamento que diz: «Eu sou *isto,* e deveria ser *aquilo*», e há um movimento em direcção «àquilo». Esta é a maneira tradicional de encarar a transformação do homem. Ora, estamos a pôr tudo isso em causa.

O tempo é assim um movimento numa direcção específica *estabelecida pelo pensamento,* não é verdade? E portanto vivemos sempre em conflito. Este processo separativo do que *eu sou* e do que eu «deveria ser» é uma acção própria do pensamento que, em si mesmo, é fragmentário, separativo. O pensamento divide as pessoas através dos nacionalismos, das religiões, do «tu» e do «eu», e por isso estamos sempre em conflito, ao tentarmos resolver os nossos problemas dentro dessa área de tempo.

Pois bem, poderá a mente, que está tão condicionada nesta tradição afastar-se dela, e tratar apenas do que *é* e não do que «deveria ser»? Para fazer isso precisamos de energia, e essa energia surge, mantém-se e sustenta-se a si mesma quando *não* há qualquer movimento do pensamento para se afastar do que *é*.

Poderá a nossa mente, que *é* a mente da humanidade, porque somos o colectivo e não um indivíduo — «indivíduo» significa, *o todo,* não fragmentado, não estilhaçado, como estão os seres humanos — poderá então a nossa mente com a sua actividade egocêntrica, descondicionar-se a si mesma, não no futuro, mas *instantaneamente*? Poderá a mente *descondicionar-se* sem pensar no tempo?

O tempo é o «observador», que é o passado, e o «observado» é o presente. A minha mente está condicionada e o «observador» diz: «Tenho todos estes problemas e não sou capaz de os resolver, portanto observarei (no futuro) o meu condicionamento, estarei atento a ele e ultrapassá-lo-ei». É a *tradição* a reagir — estão a ver? Assim, o «observador», que é o passado (o que quer dizer que ele *é* a essência do tempo), esse «observador» está a tentar dominar, «transcender» e ir além do que «observa»; isso faz parte do seu condicionamento.

Ora, *será o observador,* que é o passado, *diferente da coisa observada?* O que ele observa é aquilo que ele «vê», de acordo com o seu condicionamento, evidentemente. Assim, ele «observa» com o pensamento, que é o resultado do tempo, e vai tentar resolver o problema através do tempo. Mas compreende-se que o observador *é* o observado.

Vejamos. Vou pôr o problema de modo muito simples: A violência será diferente do observador que diz «sou violento»? A violência está separada, é diferente daquele que actua violentamente? São ambos o mesmo, com certeza, não? Portanto o observador é o observado, e enquanto houver uma divisão entre o observador e o observado tem de haver conflito. Assim essa divisão surge quando o observador se pensa diferente do observado. *Experimentem* aprofundar isto e verão o que nisso está implicado.

Vou pôr a questão diferentemente. Vivemos em desor-

dem, fisicamente e intelectualmente, psicologicamente. Estamos a viver em desordem total, em confusão — confusão que é contradição, a dizer uma coisa e a fazer outra, a pensar uma coisa e a agir de outra maneira. Mas a ordem é necessária para que o cérebro funcione bem, com objectividade. Isso é evidente: se uma máquina não funcionar devidamente, torna-se inútil. Ora, poderá a ordem nascer desta descoberta? *Ordem*, não segundo o «padre» ou a «ordem social» — que é imoral — mas *ordem* sem conflito, sem controle e sem admitir tempo algum; poderá essa ordem total que é virtude, nascer da *observação* desta desordem em que se vive? O que quer dizer: poderá a mente observar, *estar consciente* dessa desordem, sem procurar «fazer qualquer coisa» em relação a ela, nem «transcendê-la», mas estar apenas *atenta* a essa desordem, sem escolher nada para aceitar ou rejeitar? E o observador, para assim estar atento sem escolha, não deve interferir na observação. O «observador» (que é o passado, e diz: «isto é certo, isto é errado», «devo aceitar isto, não devo aceitar aquilo», «isto deve ser, isto não deve ser»), *não deve interferir na observação.*

Seremos então capazes de observar a nossa desordem sem qualquer interferência, ou movimento do pensamento, que é tempo, *observar* apenas? Observar implica estar atento, obviamente, e *quando se está totalmente atento à desordem, será que a desordem existe* ? A ordem torna-se então como uma matemática na sua forma mais elevada que é ordem completa. Há, portanto, uma maneira de viver sem qualquer controle e que consiste em observar sem o movimento do pensamento, como tempo. *Fazei* isso, e vereis. O que cria o tempo é a divisão entre o «observador» e o observado, mas essa divisão acaba completamente quando se está totalmente consciente e atento.

Portanto, o nosso relacionamento na vida quotidiana (que discutimos em reuniões anteriores) será um verdadeiro *relacionamento*, no qual a imagem do «tu», a imagem «dele» ou «dela» não existe.

Ora bem, depois de termos estabelecido isto, que é ordem, vamos perguntar se o cérebro (essa diminuta área que

está tão controlada, tão moldada pela cultura, pelo tempo), *se o cérebro e a mente poderão libertar-se de tudo isso*, e ao mesmo tempo funcionar com eficiência no campo do conhecimento.

Vejamos isto de ângulo diferente. *Haverá uma parte do cérebro que não esteja «contaminada» por toda a violência humana, pelo esforço para ter sucesso, pela «esperança», pelo desejo e tudo o mais*? Compreendem a minha pergunta? A mente produz ordem dentro dessa pequena área, e sem essa ordem não há liberdade para investigar. Ordem significa liberdade, evidentemente. Ordem significa segurança, ausência de agitação, de perturbação. Então a mente diz: «Sei que vivo aqui e compreendo a necessidade de ordem, de responsabilidade no relacionamento, etc. Mas os problemas humanos não estão resolvidos». E portanto pergunta: *Haverá uma outra energia diferente*? Estão a acompanhar isto? Isto *é* meditação — e não sentarmo-nos quietos, a respirar de certa maneira, a seguir um sistema, um «guru», o que é completamente absurdo. Mas investigar se existe uma área do cérebro onde haja uma *energia diferente*, onde haja *uma área em que o tempo não exista* e portanto *um espaço imensurável*, isso *é* meditação. E como descobrirá a mente se tal coisa existe?

Primeiro tem de existir *dúvida*. A dúvida é um agente purificador, mas também tem de estar bem «agarrada». Precisamos não só da dúvida, como de a ter bem segura — de outro modo duvidar-se-ia de tudo (o que seria insensato). Portanto, a dúvida é necessária — duvidem de tudo o que experienciarem, porque a vossa experiência é baseada no experienciador. O experienciador *é* a experiência, por isso a busca de «mais» experiência torna-se absurda. A mente tem de manter-se sempre muito lúcida e clara, para não criar ilusões: posso *imaginar* que encontrei a tal energia nova, que alcancei o estado intemporal... Portanto temos de estar muito lúcidos para não termos nenhuma ilusão. Ora a ilusão só surge quando há desejo de alcançar alguma coisa (estamos a referir-nos ao aspecto psicológico). Quando desejo «alcançar» Deus, qualquer que seja o Deus, esse «Deus» que eu crio a partir de mim próprio, é uma ilusão. Portanto tenho de compreender esse dese-

jo, com muita clareza, e também a actividade e a energia que esse desejo estimula. Por isso é preciso duvidar, assim como excluir os factores de ilusão. Isto é muito sério e não um simples entretenimento. Todas as religiões têm dado origem a ilusões, porque as «religiões» são produto dos nossos desejos, explorados pelas hierarquias sacerdotais, com as suas actividades.

Assim, para se descobrir *essa energia*, no caso de ela existir, no caso de haver (*um estado além de toda a medida*, o pensamento deve estar absolutamente tranquilo e silencioso — mas sem qualquer controle. Será isso possível? O nosso pensamento está permanentemente a tagarelar, sempre em acção: «Quero saber se esse estado existe; está bem, vou duvidar, não me deixarei iludir, hei-de viver uma vida cheia de ordem, porque esse outro estado deve ser maravilhoso, e por isso tenho de o alcançar». É uma tagarelice interminável. Será possível pôr-lhe fim, sem controlar, nem reprimir? Porque qualquer forma de repressão e de controle, distorce inteiramente o movimento do cérebro. E toda a distorção tem de terminar, de outro modo o cérebro acaba numa neurótica ilusão de segurança.

A não ser que a mente seja capaz de estar completamente calma e silenciosa, não poderá penetrar em qualquer outro campo, pois transportará a sua própria agitação para o *outro* campo, *se* esse «outro» existir (estou constantemente a duvidar desse «outro», porque não quero cair na armadilha de qualquer ilusão, bastante fácil e vulgar).

Estou a pôr este problema para exercitar a vossa capacidade , o vosso cérebro, para que descubram se a vossa mente pode estar absolutamente silenciosa o que significa *o findar do tempo*, *o cessar do pensamento*, sem esforço, sem controle, sem qualquer forma de repressão. Alguma vez a vossa mente está quieta, silenciosa? Não a sonhar acordada, não ociosa, mas *quieta*, extremamente *acordada* e *atenta*. Isso não vos tem já acontecido, ocasionalmente? Para ver, para ouvir qualquer coisa, a mente tem de estar serena, não é verdade? O vosso próprio interesse por isto que se está a dizer

produz essa quietude da mente que quer escutar. Estou interessado naquilo em que se está a falar, porque isso afecta a minha vida, a minha maneira de viver, e quero ouvir completamente, não só através das palavras, do movimento semântico do pensamento, mas o que está por detrás. Quero saber exactamente o que se está a dizer, sem o interpretar ou traduzir de acordo com o meu prazer ou a minha vaidade. Por isso, na intensidade do meu próprio escutar, tenho de ter a mente silenciosa. Não obrigo a minha mente a estar tranquila; a própria atenção para ouvir até ao fundo *é* quietude. A própria atenção para saber se a mente pode estar completamente quieta *é* quietação. E este silêncio da mente é necessário; silêncio que não resulta de nenhum treino, porque o silêncio que se treina é barulho; não tem qualquer significado. Portanto, a meditação não é uma actividade dirigida, controlada, mas uma actividade de *não pensamento*.

Saberemos então *por nós mesmos* se há, ou não há, *algo a que é impossível dar nome e que está fora do tempo*. Se não soubermos isso, se o não descobrirmos, se não virmos a sua verdade ou a sua falsidade, a vida torna-se vazia e sem profundidade. Poderemos ter completa ordem em nós, poderemos estar sem conflito, porque nos tornámos muito vigilantes e acordados, mas sem a *outra coisa* tudo isso se torna extremamente superficial.

A meditação, a contemplação (não no sentido Cristão ou Asiático) significa portanto um pensamento que apenas opera no campo do *conhecido*, um pensamento compreendendo por si mesmo que não é capaz de penetrar em qualquer outro domínio. *Esse «findar» do pensamento significa assim o findar do tempo.*

(Conferência em Brockwood Park, Inglaterra, em 8 de Setembro de 1974 — *in* Bulletin 25, Krishnamurti Foundation, Londres)

KRISHNAMURTI põe de lado as teorias, os sistemas, as crenças, como abstracções ou intelectualizações que bloqueiam a observação da realidade. «Para compreender *o que é,* temos de libertar-nos de toda essa alienação de crenças, medos e esperanças e sermos realmente capazes de *olhar,* não teórica, nem abstractamente, mas olhar mesmo o que está a acontecer, em primeiro lugar no mundo exterior, com todos os conflitos raciais, as guerras, as divisões entre as religiões... e todas as separações que têm criado tanto caos no mundo».

Discute problemas vitais para a humanidade — a violência, o medo, o prazer e o sofrimento, o amor, as causas profundas do caos e da miséria, a educação para um mundo diferente, o papel do pensamento, os condicionamentos e preconceitos (sociais, políticos, religiosos, nacionalistas), geradores de divisão, de medos, de conflitos.

Aponta a necessidade de uma transformação desta sociedade de violência, injustiça e desumanidade.

«Criámos o mundo, e o mundo é você e eu. Não podemos separar o mundo de nós e, assim, para compreender o mundo, cada um tem de compreender-se a si. Para mudar a estrutura social que com toda a evidência precisa de uma mudança colossal, cada um tem de mudar-se a si mesmo, porque é parte desta sociedade.» E salienta: «A mudança deve começar pelo ser humano... O ser humano está condicionado e quando quer mudar a estrutura social, a mudança a partir da confusão, apenas faz nascer a confusão. Ao passo que se puder *ver claramente dentro de si mesmo e a partir dessa clareza agir,* então essa acção é verdadeiramente uma profunda revolução psicológica.» Mas para *ver,* a mente tem de estar *livre.* Uma mente condicionada em busca da verdade, nunca a encontrará; nunca será capaz de descobrir o Imenso e, sem ele, a vida torna-se estagnada, embotada, uma rotina sem sentido. E pergunta «se é possível agir de modo tão completo e inteiro que não haja qualquer fragmentação ou divisão». Será essa *acção total* que poderá dar resposta ao grande desafio do nosso tempo, tão completamente *novo,* que só uma resposta inteiramente *nova* poderá solucionar.